

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL –
BACHARELADO**

CHRISTIANE MAGALI BUENO DE ALMEIDA

O processo de urbanização em Santos na última década

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Ramos Estevão

SANTOS

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL –
BACHARELADO**

CHRISTIANE MAGALI BUENO DE ALMEIDA

O processo de urbanização em Santos na última década

Trabalho de Conclusão de Curso
para obtenção de título de Bacharel
em Serviço Social, com orientação
da Professora Doutora Ana Maria
Ramos Estevão.

SANTOS

2015

Aprovado(a) em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. (*) Examinador (*)

Prof. (*) Examinador (*)

Aos meus filhos que sempre me apoiaram em
tudo e são a razão da minha vida!

“Um homem percorre o mundo inteiro em busca daquilo
que precisa, e volta para casa para encontrá-lo”

(George Augustus Moore)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde e oportunidade de concluir esse curso;

A todas as professoras que fizeram parte dessa etapa da minha vida;

Aos colegas do NEPSSA e à Professora Doutora Silvia Tagé, que me incentivaram e me cobraram essa apresentação;

À Professora Doutora Rosangela Batistoni que teve paciência com meus "sumiços";

E à querida Mestra orientadora Doutora Ana Maria Ramos Estevão que muito me ajudou na conclusão desse trabalho;

Ao meu marido e filhos que sempre torceram por mim;

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho objetiva entender a formação social da cidade de Santos, desde a sua fundação, suas lutas e influências, as transformações que colocaram-na no centro da RMBS (Região Metropolitana da Baixada Santista), mas trouxeram grandes prejuízos sociais, expropriando a população nativa em favor da Especulação Imobiliária e do lucro rápido, destruindo a história de Santos e expulsando os moradores que construíram e pagaram pela urbanização da cidade. A população santista está sendo expulsa pelos interesses capitalistas, que forçam as famílias caiçaras a venderem seus imóveis num processo de verticalização acelerado, sem planejamento social, subindo o preço dos imóveis e do custo de vida local, e inviabilizando a vida da população com menor poder aquisitivo na cidade, que já foi eleita “a melhor cidade brasileira para se viver”, mas não acolhe quem nasceu e construiu a vida aqui.

PALAVRAS CHAVE: Especulação imobiliária, urbanização, expropriação, capitalismo.

ABSTRACT

The objectives of this work is to understand the social formation of Santos since it's foundation, it's struggles and influences, the transformation that put the city of Santos as the center of the Metropolitan Region of Baixada Santista (MRBS), but brought great social loss, expropriating local population in favor of real estate speculation and fast profit, destroying the history of Santos and driving away residents that built and paid for the city's urbanization. The population of Santos is being expelled by capitalist interests that forces poor families to sell their properties for an accelerated verticalization process without social planning, raising properties prices and local life costs and precluding poorer population lives at the city, that was once elected "the best brazilian city to live in", but that doesn't welcomes those that were born and built their life there.

KEY WORDS: Real Estate Expeculation, Urbanization, Expropriation, Capitalism.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Outeiro de Santa Catarina.....	pág. 6
Figura 2: Calçada de Lorena.....	pág. 7
Figura 3: Santos, região do porto.....	pág. 8
Figura 4: Viaduto da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, trecho de serra....	pág. 10
Figura 5: Quilombo do Jabaquara.....	pág. 11
Figura 6: Canal da Avenida Rangel Pestana em 1907.....	pág. 13
Figura 7: Automóvel francês “Monobloc”.....	pág. 15
Figura 8: Antigo bonde.....	pág. 16
Figura 9: Novo bonde.....	pág. 16
Figura 10: Empório Gonzaga (1940).....	pág. 17
Figura 11: Deslizamento no Monte Serrat em 1928.....	pág. 19
Figura 12: Atual Complexo da Santa Casa de Misericórdia de Santos.....	pág. 20
Figura 13: Trabalhadores na construção do oleoduto (plano inclinado).....	pág. 22
Figura 14: Navio-presídio Raul Soares.....	pág. 25
Figura 15: Brasão da Cidade de Santos.....	pág. 29
Figura 16: Gráfico do IBGE.....	pág. 32
Figura 17: Gráfico do IBGE.....	pág. 33
Figura 18: Gráfico do IBGE.....	pág. 34
Figura 19: Mapa da Cidade de Santos, SP.....	pág.35

Figura 20: Sobrado na Av. Washington Luiz que foi demolido para a construção de uma farmácia.....	pág. 37
Figura 21: Farmácia construída no lugar do sobrado (fig. 20).....	pág. 37
Figura 22: Sobrado na Rua Conselheiro Lafaiete que foi demolido para a construção de uma farmácia.....	pág. 38
Figura 23: Farmácia construída no lugar do sobrado (fig. 22).....	pág. 38
Figura 24: Museu de Pesca de Santos.....	pág. 69
Figura 25: Casa da Vovó Anita.....	pág. 69
Figura 26: Pinacoteca Benedito Calixto. O Casarão Branco, como ficou conhecido pelos santistas.....	pág. 70
Figura 27: Palacete Olímpia.....	pág. 70
Figura 28: Chácara Júlio Conceição (Parque Indígena).....	pág. 71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	pág. 1
2. CAPÍTULO I.....	pág. 5
2.1 Processo histórico da formação da cidade de Santos.....	pág. 5
2.2 Segregação Social e Espacial de Santos e seu lugar na Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS).....	pág. 20
3. CAPÍTULO II.....	pág. 28
3.1 Santos no século XXI.....	pág. 28
3.2 Dados demográficos.....	pág. 31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	pág. 36
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	pág. 39
APÊNDICE I.....	pág. 41
APÊNDICE II.....	pág. 68

“...uma forma pela qual os proprietários de terra recebem uma renda transferida dos outros setores produtivos da economia, especialmente através de investimentos públicos na infraestrutura e serviços urbanos...” (Campos Filho).

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva entender um pouco da formação social da cidade de Santos, SP, e analisar a movimentação social da última década causada pelo capitalismo e pela especulação imobiliária que se instalou na cidade de Santos, SP, nos últimos anos, com um crescimento acelerado e uma valorização que faz “brilhar os olhos” dos antigos proprietários, mas que acaba por expulsá-los da cidade; esse fenômeno tem deslumbrado, seduzido, mas acima de tudo, assustado muita gente que vive ou frequenta a cidade.

Talvez esse problema seja só mais uma das novas formas de manifestação do sistema capitalista, mas a volúpia dos empresários e construtores em transformar casas e terrenos em condomínios de prédios com milhares de apartamentos, em ruas estreitas que não darão vazão ao fluxo de carros que estão surgindo, a qualidade do ar que está prejudicada por conta da “parede” de edifícios que se instalam de frente ao mar e o trânsito que já está caótico e tende a piorar mostra que esse fenômeno precisa ser estudado e “tratado” urgentemente para amenizar o impacto causado na região.

A cidade de Santos é reconhecida como sendo uma das primeiras cidades do Brasil, possuindo o maior complexo portuário da América Latina, além do maior jardim frontal de praia, em extensão, do mundo, praias planas com areia fina e clima tropical, características estas que permitem torná-la uma das melhores cidades do Brasil em questão de qualidade de vida. Peculiaridades ameaçadas pela forte investida da modernização que vem mudando o cenário da cidade com construções de grandes edifícios, dragagem do canal do porto, intervenções em áreas de morros e a acentuada imigração de trabalhadores à procura de trabalho e emprego, tanto na construção civil quanto na área do porto que promete multiplicação de empregos, tornando a cidade alvo de expectativas frustradas de sucesso profissional para muitos dos que vêm pra Santos, buscando oportunidades de uma vida melhor e

aumentando o contingente em favelas e moradias irregulares nos arredores da cidade.

Como defendia Milton Santos (1979),

“a urbanização e a pobreza são fenômenos profundamente conectados e essa conexão faz com que a pobreza urbana deva ser compreendida como um problema científico e político em constante transformação”¹.

Nesse contexto se faz necessário estudar o cenário das modificações que a cidade de Santos tem passado, para um avanço teórico que, quem sabe, possa ajudar no enfrentamento das consequências desse fenômeno.

A especulação imobiliária, os agentes causadores desse fenômeno e suas consequências, são o objeto de estudo deste trabalho. Sua pretensão não é esgotar todas as causas e consequências desse problema, mas é necessário olhar para a maneira como a cidade de Santos vem sofrendo mudanças em função do investimento no “sonho do Pré-sal”², a ampliação do Porto de Santos, o crescimento no campo da educação com a instalação de várias universidades, as melhorias do acesso com a duplicação da Rodovia dos Imigrantes e a promessa de uma alternativa de acesso ao Guarujá, tem trazido muita gente, tanto a passeio quanto a trabalho, mas, principalmente para morar na região aumentando escandalosamente a desigualdade local.

O grande aumento na procura por imóveis estimulou a vinda de grandes Incorporadoras que têm transformado a região num “canteiro de obras”, como classificam alguns. Com isso surgem os ditos “investidores” que agravam o problema, comprando grandes quantidades de apartamentos ainda na planta, o que estimula o investimento das construtoras em novas construções e, juntando a todos os outros fatores, tornam-se uma “bola de neve”.

Especulação imobiliária é, portanto, a

“...compra ou aquisição de bens imóveis com a finalidade de vendê-los ou alugá-los posteriormente, na expectativa de que seu valor de mercado aumente durante o lapso de tempo decorrido”³.

¹ Pobreza Urbana (contracapa) por Ana Clara Torres Ribeiro

² A camada pré-sal é um gigantesco reservatório de petróleo e gás natural, localizado nas Bacias de Santos, Campos e Espírito Santo (região litorânea entre os estados de Santa Catarina e o Espírito Santo)

³ Especulação Imobiliária, 2015.

A especulação imobiliária em Santos está chegando a patamares inesperados, causando crescimento desordenado, exclusão dos menos favorecidos, aumento do custo de vida e da desigualdade social e acabando com a história da cidade quando condena à demolição antigos casarões que faziam parte e contavam essa história.

Uma das consequências desse processo para Santos é a elitização⁴ da população local com a expulsão, para as cidades vizinhas, de quem não tem condições financeiras de acompanhar o crescimento e valorização da cidade, o alto custo de vida que esse crescimento está impondo aos moradores e turistas que vivem ou passam férias em Santos está tirando o sono de quem "ainda" mora na região.

A mídia incentiva esse processo denominando Santos como "a bola da vez"⁵, e tentando mostrar que quem não se mudar pra Santos está perdendo dinheiro e oportunidades de emprego e crescimento profissional.

Desta forma o objetivo deste trabalho é fazer um levantamento da formação de Santos e o que vem acontecendo, identificar e analisar as consequências disso sobre a cidade e seus moradores, pois esta realidade precisa ser elucidada e exposta para que as pessoas não caiam mais em golpes, nem sejam iludidas com promessas de enriquecimento fácil.

Essa pesquisa tem caráter qualitativo quantitativo, utilizando fontes bibliográficas e documentais para análise e exposição, seguindo a partir de algumas categorias previamente estabelecidas. São elas: especulação imobiliária, urbanização, exclusão social urbana legalizada, periferização da pobreza, processo deliberado de "miamização"⁶ de Santos.

"A expressão 'especulação imobiliária' tem conotação pejorativa, por deixar implícito que o comprador do imóvel não irá utilizá-lo para fins produtivos ou habitacionais, e ainda retira de outras pessoas, de menor poder aquisitivo, e portanto, mais necessitadas, a possibilidade de fazê-lo."⁷

Além disso, o acelerado processo de verticalização, o adensamento de construções, os altos prédios construídos à beira mar formando uma barreira

⁴ PORTAL IG, 2010.

⁵ VEJA, 2010.

⁶ Miamização: termo usado para identificar a intenção de elitizar e transformar determinada cidade ou região, construindo prédio altos e assemelhando sua estética à Miami/ EUA.

⁷ ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA, 2010.

para a brisa marinha e a falta de terrenos livres de pisos que dificultam a absorção da água das chuvas pelo solo provocam enchentes e agravam os problemas das populações ribeirinhas. Uma cidade que não é para todos, pois a esmagadora maioria não terá acesso aos bens e serviços.

Os conteúdos a seguir baseiam-se em estudo bibliográfico produzido por pesquisadores da gestão urbana, especulação imobiliária e da particularidade de Santos como: Milton Santos, Karl Marx, Daniel Arias Vazquez, Maria Lucia Caira Gitahy e Cândido Malta Campos Filho, também reportagens, entrevistas e sites que trabalham o assunto.

2. CAPÍTULO I

2.1 - Processo histórico da formação da cidade de Santos

A cidade de Santos teve, durante toda a sua história, um processo de ocupação fortemente influenciado pelas tendências do capitalismo que especulou, moldou e conduziu o desenvolvimento e o crescimento da cidade da maneira que melhor atendesse às suas necessidades, sem preocupação com a população ou com as consequências desse crescimento desordenado.

Santos teve seu início em 1532 com a ocupação da área como Povoado de Enguaguassú, em 1535 as terras ocupadas por Brás Cubas formavam um núcleo à parte, dentro da ilha, onde em 1542 foram iniciadas as obras de construção do Hospital de Todos os Santos, no sopé do Outeiro de Santa Catarina (figura 1).

O então Hospital de Todos os Santos que viria a ser a atual Santa Casa de Misericórdia de Santos tem sua história construída junto com a história da própria cidade dando, inclusive, origem ao nome da mesma que, em 1546, ainda como povoado, foi elevada à categoria de Vila do Porto de Santos, reconhecida por Carta Régia. Há ainda outra versão para a origem do nome da cidade que teria sua inspiração em um trecho do Porto de Lisboa até hoje conhecido como Porto de Santos. Nessa época, o primeiro ciclo do açúcar vive o auge de sua produção.



Figura 1: Outeiro de Santa Catarina (NOVO MILÊNIO, 2015).

Brás Cubas teve importante participação também na construção da primeira Alfândega de Santos, fundada em 1550 pelo provedor-mor da Fazenda Real, Antônio Cardoso de Barros, por determinação de Dom João III, rei de Portugal que se preocupava em criar uma infraestrutura propícia a cobrar as rendas das Capitanias Hereditárias regularmente.

Em 1597, após a morte de seu criador, a Vila do Porto de Santos entrou em decadência, resultando num progressivo empobrecimento da comunidade e da Irmandade da Santa Casa e, em 1654, no fechamento do Hospital. Neste mesmo ano, Dom Jeronymo de Athayde, Governador Geral do Estado do Brasil, fez provisão de recursos financeiros aos Irmãos da Misericórdia de Santos, atendendo petição destes para a construção de novos prédios, a obra foi concluída em 1665, o lugar ficou conhecido como campo da misericórdia, atual Praça Visconde de Mauá.

A Irmandade da Misericórdia terminou, em 1760, a construção de sua nova igreja São Francisco de Paula que deu nome à Avenida São Francisco, junto ao Morro de São Jerônimo, atual Monte Serrat.

Com o segundo ciclo do açúcar, em 1790, houve a necessidade de um caminho para trazer o açúcar do planalto para o porto de Santos, o governador

da Capitania Bernardo José Maria de Lorena, contrata uma companhia para construir a Calçada de Lorena (figura 2) inaugurada em 1792, trata-se do primeiro corredor de exportação brasileiro. Lorena proíbe que o açúcar do litoral norte fosse mandado para o Rio de Janeiro e ordena seu escoamento pelo porto de Santos, criando, assim, o monopólio santista na exportação do açúcar entre 1789 e 1798, firmando Santos como o “Porto do Açúcar”.



Figura 2: Calçada de Lorena (NOVO MILÊNIO, 2015)

Santos teve a influência fundamental do comércio e exportação do açúcar em sua consolidação como cidade, atraindo imigrantes nacionais e internacionais e urbanizando a parte insular da cidade, mudando, inclusive, os trabalhos das camadas menos abastadas que anteriormente trabalhavam, basicamente, em atividades ligadas à agricultura e com o advento do açúcar, passaram a atuar em atividades vinculadas ao comércio e serviços, principalmente ligadas ao porto.

Sendo o porto de Santos um dos mais importantes do país, havia o perigo da pirataria e ameaça pelos conflitos com os espanhóis que impuseram

a necessidade de abrigar, na região, tropas costeiras para proteger a movimentação econômica no entorno das mercadorias, essa movimentação e organização culminaram, em 1839, na elevação da Vila de Santos à cidade.

Com isso, Santos apresentou o maior crescimento demográfico de toda a capitania de São Paulo e, embora esse fato tenha contribuído para o desenvolvimento do comércio e do porto (figura 3), contribuiu também para o crescimento desordenado da cidade que não estava preparada para receber essa grande quantidade de imigrantes, sem falar nas condições de saneamento que eram precárias na cidade naquela época, e com o crescimento da população por conta da imigração essas condições se agravavam significativamente.

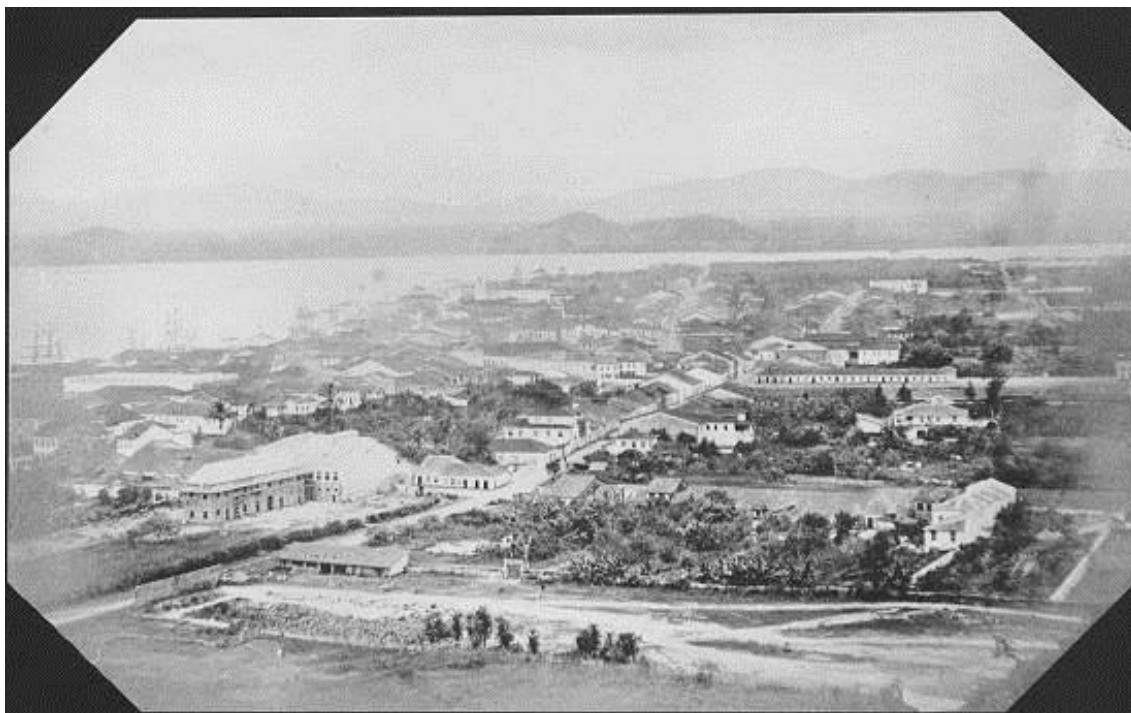


Figura 3: Santos, região do porto (Ponta da Praia/ Estuário) (NOVO MILÊNIO, 2015).

Essa imigração trouxe para a cidade, comerciantes estrangeiros que passaram a atuar como embaixadores, tendo o comércio como sua prioridade, mas tendo também interesse nas questões políticas, chegando a tornarem-se os principais comerciantes de Santos e demonstrando uma clara internacionalização do porto.

O mercado açucareiro trouxe também o início da concentração de renda, começaram a surgir proprietários de terras que eram agricultores e comerciantes ao mesmo tempo, que tinham escravos no plantio, mas também tinham ideais imobiliários.

Houve uma mudança de concepção da cidade, pois a elite avançava sobre a estrutura ruralista, aumentando a área urbana da região. A cidade tinha diferenças sociais muito grandes, com 40% de seus habitantes na condição de escravos, pois o porto de Santos era o principal porto escravagista brasileiro.

No final do século XVIII, mais precisamente em 1795, a Alfândega registrou a exportação das primeiras arrobas de café que tinham suas sacas trazidas para Santos por tropeiros e embarcadas por escravos, sendo carregadas homem a homem, como formigas.

A partir de meados do século XIX, com o crescimento da demanda internacional, as exportações se desenvolveram e o transporte de toda a produção de café era feito em lombos de mulas até o porto, como os animais carregavam somente até 120 a 150 kg de café e só conseguiam fazer seis viagens por safra anual, já que as estradas eram péssimas, isso limitava muito a exportação.

Santos caminhava a passos lentos e os únicos avanços no começo da década de 60 na cidade foi a instalação de 60 lampiões de azeite e o início do serviço de água canalizada.

Porém, a partir de 1867, com a construção da São Paulo *Railway Company* (SPR) que, posteriormente, veio a chamar-se Estrada de Ferro Santos Jundiaí (figura 4), é que formou-se o trinômio fundamental do desenvolvimento comercial da cidade de Santos baseado na exportação do café, que superou a cana de açúcar conquistando a primazia na economia paulista e, por volta da década de 1870, experimentava um desenvolvimento com proporções nunca antes vistas, graças à estrada de ferro que ligou Santos aos grandes centros de produção e alavancou o transporte do café vindo de várias partes do país para ser embarcado no Porto.



Figura 4: Viaduto da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, trecho de serra (NOVO MILÊNIO, 2015).

O desenvolvimento da economia cafeeira não teria sido possível sem as estradas de ferro, pois era inviável transpor as distâncias de milhares de quilômetros transportando grandes quantidades de sacas apenas no lombo de mulas.

A expansão da cultura do café foi a mola propulsora para a criação e expansão das ferrovias paulistas e o desenvolvimento das ferrovias contribuiu para a expansão da economia cafeeira, do capital cafeeiro e, também, da formação da burguesia do café, que atuava como grandes comerciantes e casas de exportação, intermediando a venda da produção de outros proprietários e financiando novas plantações, tudo isso com o emprego do trabalho escravo, tanto nas plantações e transporte, como no embarque para exportação, no porto.

Santos foi invadida por campanhas republicanas e abolicionistas nos últimos anos de império, chegando a antecipar a abolição da escravidão através de uma lei municipal de 27 de fevereiro de 1886, que aboliu a escravidão na área sob sua responsabilidade.

Na década de 1880, anos antes da assinatura da Lei Áurea, o movimento abolicionista ganhou força e os primeiros escravos a serem libertados eram trabalhadores do porto que passaram a receber como salário a quantia paga anteriormente aos seus donos como aluguel.

O número de escravos caiu rapidamente tornando a cidade um ponto de interesse para escravos fugitivos que desciam a Serra do Mar enfrentando precipícios escorregadios, para chegar à Santos e trabalhar no Porto.

“Quando a campanha atingiu seu pico, os escravos fugitivos que continuavam chegando a Santos, em número cada vez maior tornaram-se um problema. Já não se tratava mais de recolher subscrições ou de conseguir um emprego no cais, agora que mulheres e crianças começavam a chegar também” (GITAHY, 1992, p. 34).

Foi então que, por volta de 1881, formou-se o Quilombo do Jabaquara (figura 5), atrás da atual Santa Casa, o segundo maior do Brasil com aproximadamente 10.000 pessoas, pois recebia famílias inteiras de escravos fugitivos, perdendo apenas do Quilombo dos Palmares com 20.000 pessoas.



Figura 5: Quilombo do Jabaquara (NOVO MILÊNIO, 2015)

O Quilombo do Jabaquara foi considerado um “escândalo subversivo” pelas autoridades provinciais, mas em diversas situações onde as autoridades tentaram intervir para acabar com o abolicionismo em Santos, a sociedade local manifestou-se impedindo que isso se efetivasse, porém durou apenas

quatro anos, graças à lei que extinguiu a escravidão na cidade dois anos antes da assinatura da Lei Áurea.

Infelizmente, essa postura não foi o suficiente para tornar a vida dos escravos libertos mais fácil e, muito menos era compartilhada por todo o país, uma vez que a cultura escravagista estava impregnada na sociedade, chegando a ser arquitetada uma “exclusão legalizada” em São Paulo.

Muitos anos depois da abolição, entre 1912 e 1920, a população negra foi prejudicada por leis municipais paulistanas, sendo proibida de exercer certas profissões, implícita ou explicitamente, e sendo retirada de terras onde desenvolvia a agricultura de subsistência. “Esses fatores podem ser considerados indícios de que houve uma construção ideológica gestada pelas elites que visavam a exclusão do negro da sociedade brasileira”⁸.

A partir de meados do século XIX houve um período de aproximadamente 60 anos com epidemias como febre amarela, varíola, tuberculose, peste bubônica, tétano e outras moléstias que assolaram a cidade, sendo cogitado, inclusive, o abandono do porto como exportador de café.

Mas, o então secretário do Interior do Estado, Vicente de Carvalho, foi contra e propôs, em 1892, o saneamento da cidade, pois a falta de rede de esgoto, o fato de ser uma região plana, constantemente alagada e sem vazão das águas para o mar e o abastecimento de água ser precário, facilitavam a proliferação das epidemias a ponto de nesse período provocar a morte de praticamente a metade da população santista.

Entre 1900 e 1903 foi iniciado o primeiro serviço de esgoto pelos engenheiros Saturnino de Brito e Miguel Presgrave que, em 27 de agosto de 1907, entregaram a obra dos primeiros canais (figura 6) de drenagem de Santos, que são referência na cidade até os dias de hoje.

Foi em meados do século XIX, com a decadência da utilização do trabalho escravo e quando a economia se baseava na produção de monocultura do café para exportação, que surgiu a classe operária em decorrência das primeiras indústrias no Brasil.

⁸ www.usp.br/agen/?p=130331



Figura 6: Canal da Avenida Rangel Pestana em 1907 (NOVO MILÊNIO, 2015).

Santos foi sendo construída e moldada em função das atividades portuárias e a partir do centro, onde viveu durante mais de 300 anos e que, até a segunda metade do século XIX, representava toda a cidade.

Mas, à medida que a região portuária do Valongo foi sendo ocupada com armazéns, e o Centro com os trabalhadores que chegavam para atender as demandas do porto, as famílias mais abastadas foram se mudando mais para dentro formando, inicialmente o bairro da Vila Nova e Paquetá entre outros, seguindo em direção às praias. Assim, desde a sua origem e constituição, Santos apresenta traços fortes de segregação social de classe na ocupação territorial da cidade.

Com a visão de modernidade e civilidade burguesa que queriam agregar à cidade, Santos teve um projeto urbanístico de saneamento e seus espaços públicos e privados foram identificados com grandes estátuas, praças, parques e bulevares, redes de esgoto e jardins à beira mar.

O caminho das camadas de alta renda foi sendo definido com a abertura de largas avenidas no projeto urbanístico de saneamento, com o embelezamento imposto no começo do século que nortearam os caminhos dos fluxos e lugares em expansão na cidade, da região central em direção às praias.

No final do século XIX, Santos teve um dos primeiros grandes avanços em seu processo de urbanização, impulsionado pela articulação e influência dos interesses capitalistas que perdiam espaço devido à repulsa causada pelo mal estado da cidade, que era uma das principais cidades portuárias que serviam de acesso internacional.

A falta de saneamento e os padrões arquitetônicos não remetiam os investidores e imigrantes que aqui chegavam aos padrões europeus a que estavam acostumados, Santos teve, então, um grande investimento tanto na reforma sanitária como no padrão de suas edificações.

Paralelamente a isso tudo havia muita coisa acontecendo no mundo, o progresso e descobertas que surgiam demoravam para se propagar, mas um dos filhos mais ilustres do Brasil teve forte influência na evolução do país.

O primeiro automóvel desembarcou no Brasil em 1891 e seu proprietário, Albert Santos Dumont surpreenderia o mundo voando num aparelho mais pesado que o ar apenas alguns anos depois.

A primeira viagem de automóvel entre São Paulo e Santos aconteceu entre os dias 17 e 18 de abril de 1908, partindo pelo tradicional Caminho do Mar em Cubatão, a uma velocidade média de 2,7 km, em dois carros, da Praça da Sé, em São Paulo, e chegando 36 horas e meia depois, à Praça dos Andradas em Santos, em apenas um automóvel, o francês "Motobloc" (figura 7), pois o outro havia quebrado.

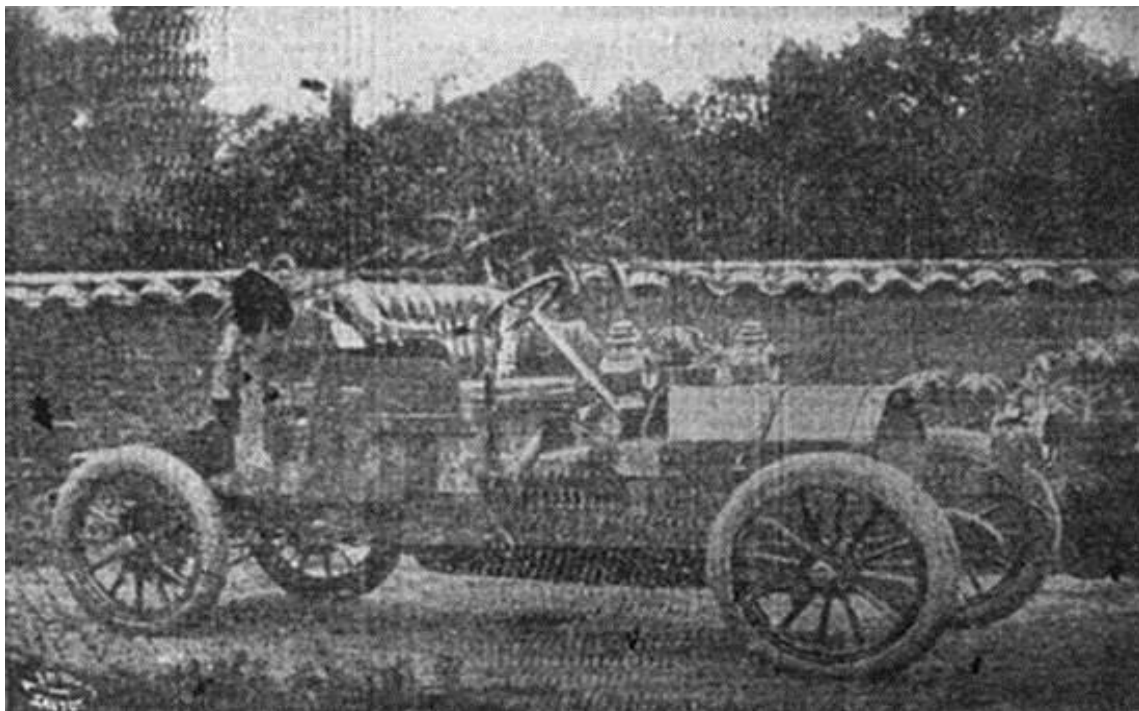


Figura 7: Automóvel francês “Monobloc” (NOVO MILÊNIO, 2015).

O transporte coletivo de Santos, que foi uma das primeiras cidades do país a possuir um sistema de transporte organizado, sendo inaugurada a primeira linha de bonde puxado a burro em 1871, também teve seu progresso garantido, pois em 1909, uma empresa canadense chamada Cia *City* iniciava as operações de bondes elétricos na cidade com uma linha ligando Santos à São Vicente via praias.

Apenas oito anos depois Santos já possuía a maior quilometragem de trilhos de bonde por habitante da América Latina, mas, apesar da empresa *City* chegar a possuir a maior frota do país e ter capacidade para construir bondes dentro da sua própria oficina, esse reinado teve fim em 1954 com o término da concessão, quando os serviços de bonde foram absorvidos pelo Serviço Municipal de Transportes Coletivos – SMTCC, e as linhas foram sendo desativadas aos poucos, até janeiro de 1971, quando o último bonde circulou pela linha 42.

Em 26 de janeiro de 2002 o bonde voltou a circular em Santos, mas em uma linha turística com um bonde fechado conhecido como camarão, que foi restaurado na oficina da Companhia de Engenharia de Tráfego – CET (fig. 9).



Figuras 8 e 9 – Antigo bonde (à esquerda) e bonde atual (à direita) (NOVO MILÊNIO, 2015; VIAJE AQUI, 2015, respectivamente).

Como a ocupação da cidade foi sempre norteadas pelo capitalismo e pelos interesses de seus mandantes, com a facilidade do bonde, as famílias mais ricas passaram a morar em chácaras distantes do centro, que era considerado sujo e poluído, para manterem-se afastadas da presença da população mais empobrecida e das epidemias, dando início à segregação espacial e social na cidade.

O percurso entre o centro e as praias era feito nos bondes que subiam e desciam as novas avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias, que foram fundamentais para a expansão da cidade além do centro a que se reduzia, começando a formar bairros mais próximos à orla, modificando a disposição geográfica e comercial da cidade e criando espaços para receber mais imigrantes que chegavam a procura de emprego no porto.

Santos foi crescendo com a facilidade dos bondes que levavam e traziam a elite de suas chácaras para o centro onde o comércio fervia, fazendo-o começar a perder a característica de moradia burguesa para se tornar região comercial e moradia apenas de seus trabalhadores menos favorecidos.

Esta expansão favoreceu também a formação do bairro do Gonzaga, que tem esse nome por conta de um comerciante, inquilino de uma das chácaras que ficava em frente à praia, e dono de um empório (figura 10).



Figura 10 – Empório Gonzaga (1940) (NOVO MILÊNIO, 2015).

Difícil imaginar, mas onde hoje é a Praça da Independência havia uma lagoa, e a atual Rua Marcílio Dias era cortada por um rio, entretanto, em nome do progresso e da saúde pública, já que nessa época qualquer região alagadiça era sinônimo de criação de mosquitos e epidemias, vários riachos e ribeirões foram canalizados ou enterrados para sempre, e hoje a cidade cresce sobre eles sem a preocupação das consequências que isso poderá nos trazer.

A cidade de Santos evoluiu para o que chamavam de “um novo estilo de vida urbana”, o novo século trouxe o telégrafo, os jornais, a navegação a vapor e a eletricidade que impulsionou esse progresso ainda mais em direção aos interesses do capital, valorizando a região da orla da praia com o novo costume dos banhos de mar, o turismo e a moradia das classes mais altas da sociedade, separando a cidade em classes e fazendo de Santos um lugar dividido entre a elite residente nas mansões construídas em chácaras junto às praias e os operários e trabalhadores do comércio, residentes na região mais central e na parte continental da cidade.

Além do porto que escoava a produção do ciclo do café que proporcionou à cidade uma era de ouro por mais de três décadas e que foi

representada e ostentada na imponência de suas construções e monumentos da época.

Santos também teve seu progresso impulsionado pelo turismo com os hotéis, clubes náuticos e cassinos como o Miramar, Atlântico, Parque Balneário instalados na orla, o Coliseu no centro e, um dos mais importantes cassinos da cidade, o Cassino do Monte Serrat, por sua localização estratégica no alto do morro de quem herdou o nome, anteriormente chamado Morro de São Jerônimo.

O Cassino do Monte Serrat era procurado por muitos empresários e autoridades que não queriam ser vistos nas mesas de jogos, facilitando, inclusive, o jogo clandestino após a proibição do jogo no país, pois os únicos acessos ao topo do morro eram as escadarias e o bonde, assim, a vinda da fiscalização era anunciada e os apostadores tinham tempo de dispersar-se antes da chegada da polícia no local.

Em 10 de março de 1928 uma tragédia abalou a cidade, o terceiro edifício da Santa Casa que ficava no sopé do Morro São Jerônimo, inaugurado em 04 de setembro de 1836, foi atingido por um deslizamento de terras que soterrou a parte posterior do hospital e algumas casas próximas matando cerca de 80 pessoas, chegou a ser feito um estudo sobre a instabilidade do morro e a possível necessidade de demolição deste, para evitar outras tragédias com futuros deslizamentos, que, fora o milagroso desmoronamento da encosta que soterrou piratas que saqueavam a cidade em 1614, voltou a apresentar os primeiros sinais de deslizamento de terras apenas em 1898.

Tais estudos constataram que o morro possuía estrutura firme e que o deslizamento fora ocasionado por uma camada bastante grande de terra solta pela chuva, mas que foi totalmente eliminada não havendo mais perigo.

O trágico deslizamento (figura 11) aconteceu onde o túnel Rubens Ferreira Martins foi construído em 1950 e, após três décadas, a alça de acesso viário com viaduto sobre o túnel.



Figura 11: Deslizamento no Monte Serrat em 1928 (NOVO MILÊNIO, 2015).

Foi então que teve início a construção do presente complexo na esplanada do bairro do Jabaquara (figura 12), pois apenas um mês depois da tragédia, a Mesa Administrativa da Irmandade lançou a pedra fundamental do prédio atual e, finalmente, em 02 de julho de 1945, com a presença do então Presidente Getúlio Vargas, foi realizada a solenidade de abertura do hospital que, com capacidade para 1.400 leitos, apresentava-se como um dos maiores e mais bem equipados da época, no Brasil.

Dessa forma, em 02 de julho de 2015, o atual Complexo do hospital mais antigo do país, a Santa Casa de Misericórdia de Santos, completará 70 anos de existência e importante participação na história da cidade.



Figura 12: Atual Complexo da Santa Casa de Misericórdia de Santos (NOVO MILÊNIO, 2015).

2.2 Segregação Social e Espacial de Santos e seu lugar na Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS).

Ainda na década de 1920 a Baixada Santista teve o que seria o início de uma evolução que traria riqueza, mas também o início das mudanças na vida das famílias que moravam em Cubatão e viviam da plantação de bananas, principal fonte de renda dos nativos da pequena cidade, a construção da Usina Henry Borden, antiga *Light*, e da Companhia Santista de Papel, ambas em Cubatão.

Após 1940, com a construção da Via Anchieta, acontece uma maciça vinda de trabalhadores de vários estados brasileiros a procura de trabalho e, por conta da falta de planejamento para receber esses trabalhadores, acontece a formação da primeira favela no município, ocupações ilegais nas chamadas Cotas, antigos acampamentos do Departamento de Estradas e Rodagem – D.E.R. , órgão responsável pela construção da Via Anchieta.

Esse crescimento populacional foi registrado no Censo de 1950 que teve um aumento de 5.233 pessoas em relação ao Censo de 1940 sendo que 40% do total da população se declarou migrante, e uma boa parte morava nas Cotas.

Nessa época já haviam várias avenidas pavimentadas em Santos e havia sido realizado o primeiro trecho do jardim à beira-mar que entraria no ano 2000 para o *Guinness Book of Records*.

Em meados do século XX houve outra grande transformação na cidade, com a proibição do jogo, os hotéis que foram construídos, em sua maioria, para receber os jogadores que vinham, principalmente do planalto, atraídos pelos cassinos, começaram a ser fechados e demolidos junto com mansões e chácaras, dando lugar aos primeiros prédios de apartamentos e iniciando o primeiro processo de verticalização da orla da praia de Santos.

Com a grande explosão demográfica, turística e urbanística de Santos, a febre imobiliária acabaria com as grandes mansões à beira-mar, dando lugar a altos e sofisticados prédios de apartamentos, ocupados por paulistanos na temporada, mas também pelas famílias mais abastadas da cidade que se concentraram no Bairro do Boqueirão próximo à praia intitulando essa área como “Vila Rica”, enquanto a classe média ocupava bairros como o Marapé, Campo Grande, Macuco, Encruzilhada e Jabaquara, empurrando as famílias de menor renda para a Zona Noroeste.

Na implantação da Refinaria Presidente Bernardes que teve início em 1951, Cubatão sofreu nova invasão de migrantes formando outra favela na faixa do Oleoduto (figura 13) e começaram a surgir imóveis de aluguel e um súbito aumento de preços dos imóveis.

Logo que acabaram as obras e o acampamento construído pela Refinaria para receber os trabalhadores foi desmontado, muitos destes, que não conseguiram comprar ou alugar um imóvel, acabaram por aumentar as favelas que se formavam registrando no Censo de 1960 um aumento de 13.273 pessoas, mais que o dobro, em relação ao Censo anterior.

A Refinaria foi inaugurada em 1955 e a Companhia Siderúrgica Paulista, atual USIMINAS, em 1959 dando sequência ao que seria o novo Pólo Industrial. Três quartos das indústrias que formam o Pólo industrial de Cubatão hoje, foram implantadas nos 20 anos que sucederam a inauguração da Refinaria Presidente Bernardes em Cubatão.



Figura 13: Trabalhadores na construção do oleoduto (plano inclinado) (NOVO MILÊNIO, 2015).

Entre os anos de 1950 e 1960 o turismo de temporada começou a ser difundido, com a facilidade de acesso pela Via Anchieta que em 1950, registros indicam ter recebido tráfego de 815.369 veículos de passeio e em 1960 passou ao número de 2.303.682 veículos, demonstrando o significativo interesse e crescimento do turismo local.

Aos poucos o comércio vai se estendendo também em direção à orla, surgindo, principalmente, lojas mais sofisticadas nos bairros do Gonzaga e Boqueirão onde, nos anos de 1960, foi instalado um centro de compras planejado que ficou conhecido como o primeiro shopping do país, o Super Centro Comercial do Boqueirão, que foi construído, tendo como um de seus incorporadores Alfredo Mathias, um dos responsáveis pela construção dos primeiros shoppings de São Paulo, como o Iguatemi em 1960 e o Lapa em 1968, e permanecem em funcionamento até os dias de hoje.

Com o desenvolvimento do capitalismo surgiu uma nova classe, o proletariado urbano, dando origem também às primeiras formas de organização da classe operária como as Sociedades de Socorro Mútuo e Uniões operárias, que tinham um caráter assistencialista com o objetivo inicial apenas de ajudar

os trabalhadores doentes ou nos casos de invalidez, desemprego, pensões para as viúvas, etc. Essas entidades acabaram por dar origem aos sindicatos.

Outro fato que impactou grandemente a cidade foi o golpe militar de 1º de abril de 1964, pois estava bastante politizada e antenada com as tendências do mundo, com grande movimentação sindical e movimentos grevistas que usavam a foice e o martelo com bandeiras vermelhas o que rendeu a Santos o apelido de “Nova Moscou”, indicando que seria um dos pontos de grande efervescência do comunismo fora da então União Soviética.

O preço dessa fama lhe custou caro, com o golpe militar, Santos foi declarada zona de segurança nacional com forte repressão política e teve a autonomia de escolher seu prefeito cassada por quase duas décadas.

Em meio à ditadura um fato inusitado atraiu a atenção do mundo e da cidade de Santos, o antigo Congo Belga vivia uma sangrenta guerra civil, quando a delegação do Santos chegou ao país, onde disputaria uma partida amistosa, os dirigentes foram informados do conflito e o consequente cancelamento do jogo. A notícia de que a população não poderia ver Pelé⁹, o rei do futebol, jogar, causou uma grande comoção no país, inclusive entre as partes em luta.

Então os conflitantes entraram num acordo e a guerra parou para que o jogo fosse realizado. O time do Santos acabou realizando duas partidas na região sem que nenhum tiro fosse disparado no país naqueles dias, porém, assim que a delegação foi escoltada até o aeroporto e deixou o país, a guerra recomeçou.

Nessas duas décadas de ditadura e confronto entre forças políticas e sociais, governo e oposição, usaram todos os recursos, sendo a censura, a supressão de direitos constitucionais, o terrorismo e a tortura por parte do governo, e a guerrilha por parte da resistência, suas principais armas.

⁹ Outro feito de Pelé nessa época, foi no dia 17 de julho de 1968 quando o time do Santos fazia um amistoso na Colômbia onde Pelé, como sempre, era o destaque, mas os jogadores do time santista acabaram se irritando com alguma atitude do juiz e foram tirar satisfações, alguém agrediu o juiz e este, achando que foi Pelé expulsou-o, a torcida ficou enfurecida e ameaçou invadir o campo, a pressão foi tanta que acabaram tirando o juiz e retornando Pelé ao jogo, esse dia ficou conhecido como o dia que Pelé expulsou o juiz.

Com uma ditadura que perdurou por 21 anos e produziu sequelas sentidas até os dias de hoje, principalmente pelos pobres, negros e moradores das periferias urbanas, principais vítimas de uma das heranças desse período, sendo a PM brasileira uma das polícias mais violentas do mundo.

Estudos apontam que a polícia militar brasileira comete mais homicídios e crimes de tortura atualmente do que durante o período da ditadura militar, e mais até que todas as forças policiais dos Estados Unidos juntas.

“Dados divulgados pela SSP (Secretaria de Segurança Pública), e analisados pela Ouvidoria da Polícia, revelam que 2.045 pessoas foram mortas no Estado de São Paulo pela Polícia Militar em confronto - casos que foram registrados como resistência seguida de morte - entre 2005 e 2009.”¹⁰

Uma das maiores agressões da Ditadura Militar à cidade de Santos foi a vinda, apenas alguns dias após o golpe militar, do navio Raul Soares (figura 14) que foi pintado de preto e rebocado de um cais no Rio de Janeiro, onde estava inativo, para o porto de Santos, a fim de servir de presídio político.

Foi palco de prisões arbitrárias e torturas de sindicalistas, ativistas políticos, portuários, professores, estudantes, líderes de esquerda, militares suspeitos de serem contrários ao golpe militar e qualquer um que tivesse seu nome ligado a algum evento sindical ou associação de trabalhadores, normalmente indiciados por subversão, presos, torturados e obrigados a confessar crimes políticos.

Justificando assim atos cometidos no interior do insólito presídio flutuante que permaneceu em Santos durante longos sete meses e ainda assombra quem esteve em seu interior ou teve algum parente próximo que sofreu as atrocidades praticadas nele.

¹⁰ PORTA R7 NOTÍCIAS, 2015.



Figura 14: Navio-presídio Raul Soares (NÁUTICA TOTAL, 2014).

“O navio foi embora e virou sucata, mas deixou um rastro de vergonha, dor e sofrimento, e também uma democracia à deriva por longos 21 anos no Brasil.” (Thomas Maack, preso político do navio Raul Soares, hoje famoso cientista e médico nos Estados Unidos).¹¹

O desemprego levou muitos desempregados a procurarem trabalho no porto precarizando ainda mais a situação de quem dependia desse meio de vida.

Um símbolo da precarização do trabalho no porto eram as ditas “paredes” onde um grupo de trabalhadores avulsos reuniam-se antes das 7 horas da manhã diante da parede de um armazém, acenando com a carteira de trabalho do porto (capa preta) tentando chamar a atenção do apontador que escolhia os trabalhadores do dia após anunciar os navios atracados e as cargas que seriam movimentadas, restando aos demais trabalhadores apenas voltar para casa e aguardar que no dia seguinte fossem escolhidos para trabalhar no interior do navio.

Alguns porém negociavam informalmente com os escolhidos para trabalhar em seu lugar deixando-o de folga e dividindo o ganho do dia. Esta

¹¹ DIÁRIO DO LITORAL, 2015.

“tradição” chegou ao fim em 2006 com a escalção eletrônica dos trabalhadores portuários avulsos.

O tempo foi passando, o progresso e o desenvolvimento tecnológico modificando o mundo, as cidades e as relações, principalmente de trabalho. Nos anos de 1980 Santos e São Vicente tornam-se conurbados com mais de 99% da população em área urbana, fazendo o papel de “centro” da RMBS.

Muitos postos de trabalho, tanto no porto quanto em muitas outras áreas, foram sendo fechados por conta da automatização dos processos e outras evoluções tecnológicas trazidas no final do século XX.

A internet favoreceu a globalização que surgiu como uma “boa nova” trazendo grandes avanços tecnológicos e científicos, porém “criando” necessidades e trazendo dependência entre países, obrigando países pobres e emergentes a se submeterem aos interesses das grandes potências na esperança de obter algum crescimento econômico, mas acabando endividados e rendidos aos interesses do capitalismo que cresce numa velocidade assustadora, aumentando a desigualdade e trazendo fome e miséria a quem já tinha pouco. Santos não ficou de fora dessa globalização que gerou desenvolvimento tecnológico, mas fez com que pessoas fossem substituídas por tecnologia, esse fenômeno contribuiu com o aumento do desemprego, fez cair radicalmente o emprego de mão de obra no porto e diminuiu a migração para Santos no final do século XX.

“As antigas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a ser destruídas a cada dia. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida ou morte para todas as nações civilizadas (...). Em lugar da antiga autossuficiência e do antigo isolamento local e nacional, desenvolvendo-se em todas as direções um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isso tanto na produção material quanto na intelectual. Os produtos intelectuais de cada nação tornam-se patrimônio comum. A unilateralidade e a estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis e das numerosas literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial”. (Marx; Engels, 2001, pg. 49).

A cidade que se orgulha de seus recordes, como o Porto, os Jardins da Orla e o Santos Futebol Clube, teve outros problemas entre as décadas de

1980 e 2000 Santos viu os casos de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) se multiplicarem assustadoramente, tornou-se, então, refém de um legado que abalou a cidade, de Capital do Café passou a ser lembrada como Capital Nacional da AIDS, por chegar a possuir o maior número de casos proporcionalmente à população da cidade.

A cultura boêmia, a prostituição no cais, as drogas e a falta de informação contribuíram para que esse quadro se agravasse rapidamente. Foram registrados 6.205 casos desde o início da epidemia, desse total 67,69% são homens.

Os programas municipais de DST/Aids, os postos de saúde voltados ao atendimento aos portadores do vírus e o Centro de Referência em Aids, fizeram com que Santos tivesse bons resultados no combate ao vírus. Campanhas constantes, distribuição de preventivos e medicamentos tiveram um papel fundamental nessa luta contra a doença. Além disso, as ONGs da região desenvolveram um trabalho de prevenção e auxílio a soropositivos da Baixada Santista.

Foram feitas muitas campanhas para informação e prevenção da AIDS, tanto para a população em geral quanto voltada para os trabalhadores do porto. Santos conseguiu enfrentar esse problema, desde 2010 foi constatada uma queda progressiva e essa situação ficou estabilizada, mas, segundo especialistas, a cidade ainda vive uma epidemia, apesar de uma queda de 52% nos diagnósticos entre 2000 e 2013.

De acordo com a ONU, os grupos particularmente vulneráveis a novas infecções são transexuais, homens que fazem sexo com outros homens, profissionais do sexo e seus clientes, além de usuários de drogas injetáveis.

Há informações e “opiniões” contrárias, há quem diga que o problema está controlado, mas também há quem diga que os casos estão aumentando, principalmente entre os jovens que não viveram o auge da epidemia e cresceram acostumados com a doença, tratando-a como um problema crônico e “esquecendo” que a AIDS ainda mata!

3. CAPÍTULO II

3.1 - Santos no século XXI

O brasão da cidade exibe a frase *Patriam Charitatem et Libertatem Docui* (figura 15) que, segundo memorial explicativo publicado pela Câmara Municipal, se traduz como "*À Pátria ensinei a Liberdade e a Caridade*", e de certa forma isso se evidenciou na trajetória da Santa Casa de Misericórdia que se mistura à história da própria cidade, e nas lutas por direitos, nos sindicatos fundados no município e no fato de Santos ter abolido a escravidão dois anos antes da assinatura da Lei Áurea, mas, infelizmente, essa já é uma realidade distante.

Santos parece não ter se recuperado da violência e privações da ditadura, a "cidade vermelha" não restabeleceu sua capacidade de questionamento, de lutar por direitos e sua vocação esquerdista acabou sucumbindo diante da inércia vivida nesses 21 anos de ditadura.

Luiz Norton Nunes, que militou na advocacia sindical por quase 30 anos e foi vereador em Santos entre 1977 e 1982, registrou em Ata, no final de um simpósio sobre autonomia dos municípios, realizado na Câmara Municipal de Santos em 1980, o que ele identificou como sendo o momento em que as cores de Santos começaram a mudar: o vácuo entre 1969 e 1984, quando o município foi declarado área de segurança nacional e perdeu a autonomia política¹².

O então líder do PMDB relata em sua carta de princípios:

"As cidades ingressam em acelerado processo de empobrecimento assim que seus moradores não podem mais escolher livremente seus dirigentes, e a população deixa de se interessar e de participar do processo político, preferindo manter-se alienada". Argumentou ainda, "depois, além da repressão, as leis ficaram mais abrangentes e os sindicatos ficaram com um campo de ação muito restrito".

Alcindo Gonçalves, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do Instituto de Pesquisas A Tribuna (IPAT), relaciona o "desbotamento" da Cidade Vermelha, à crise dos partidos de

¹² NOVO MILÊNIO, 2015.

esquerda, à racha do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade, com a disputa entre Telma de Souza e David Capistrano que desgastou a imagem do partido influenciando na eleição de Beto Mansur em 1996¹³. Transformações econômicas como a privatização do porto e a especulação imobiliária provocaram a migração de parte da população para municípios vizinhos e periferias, consolidando Santos como uma cidade de classe média, diminuindo a preocupação com o direito dos trabalhadores e semeando a intenção de elitização da cidade.



Figura 15: Brasão da Cidade de Santos (SANTOS, 2015).

A urbanização violenta que pautou o início da modernidade no século XIX transformou grande parte das cidades em crescimento em um imenso canteiro de obras, e o preço já está sendo cobrado, mas esse ciclo parece não ter limites.

A urbanização é a grande “sacada” do capitalismo para atingir a estabilização econômica. O cruzamento do capital financeiro com o mercado imobiliário gerou muita lucratividade e disparou o preço dos terrenos

¹³ op. Cit.

transformando eventos esportivos em grandes negócios imobiliários, deslocando o princípio da obsolescência, das mercadorias para o próprio território.

A necessidade de o capitalismo fazer girar o dinheiro, faz com que os grandes centros invistam em construir incessantemente, e resulta em cidades com obsolescência programada e, que edifícios sejam erguidos para durar cada vez menos. "O lucro está na demolição e na reconstrução permanentes." (Guilherme Wisnik, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU – USP, 2014)¹⁴.

Com a cidade de Santos não acontece diferente, mas a população que nasceu e viveu, e que constrói a cidade, está sendo expulsa, como aconteceu na acumulação primitiva que semeou o capitalismo. E como naquela época, as famílias estão sendo expropriadas de suas terras, só que dessa vez não se apercebem disso, acham que têm opção e que isso é uma simples escolha, enquanto isso é possível ver terrenos públicos sendo “privatizados” através de negociações, no mínimo, suspeitas.

Isso faz com que os imóveis que estão sendo construídos tenham a única função de obtenção de lucro com sua negociação, construção e venda, sendo usado por um determinado tempo até que um outro projeto mirabolante e, principalmente, rentável possa ser executado no mesmo local¹⁵, dando início à uma nova construção que gere mais lucro, sem a preocupação com o impacto que estas construções causarão na cidade, com a intensa impermeabilização do solo impedindo a absorção da água da chuva, criando uma barreira para a brisa marinha, dificultando a dispersão de gases poluentes, provocando aumento de temperatura por abafamento e prejudicando a qualidade de vida local.

Porém, além dos efeitos negativos ao meio ambiente que prejudicam a saúde das pessoas, os prejuízos sociais são ainda maiores, pois a população que cresceu com a cidade, que lutou e pagou pelo saneamento, pelo calçamento e por toda urbanização da cidade, não poderá usufruir desse bem que deveria ser comum, mas que está sendo comprado por um preço irrisório,

¹⁴ INSTITUTO MOREIRA SALES, 2014.

¹⁵ Hoje há rumores de que o novo imóvel do Clube Vasco da Gama, na Ponta da Praia, já tenha sido negociado e será derrubado para dividir terreno com torres de apartamentos

se avaliarem a história que se apaga a cada casarão antigo que é derrubado, nas famílias que viviam tradicionalmente da pesca na costa santista onde isso já não é mais viável, de quem vivia de trabalhos artesanais que a industrialização esmagou, das tradições e cultura que eram passadas de pais para filhos, geração a geração e que a venda da força de trabalho e a produção da mais valia fez perder-se na alienação.

O capital se refaz e reinventa novas formas de exploração, praticada pelos “donos da cidade”¹⁶, fazendo com que essa população venda suas propriedades, “supervalorizadas” pela especulação imobiliária, mudando-se para as cidades vizinhas, afastadas dos grandes centros, lugares menos visados por esse fenômeno capitalista, onde consigam comprar uma moradia com apenas parte do que receberam para que lhe sobre algo a fim de melhorar sua subsistência, mas essa ilusão não dura muito, pois o dinheiro logo acaba e finalmente percebem que o tempo e dinheiro gastos no transporte para chegar ao trabalho e a expropriação que sofreram não compensaram o “lucro” que tiveram.

3.2 Dados demográficos

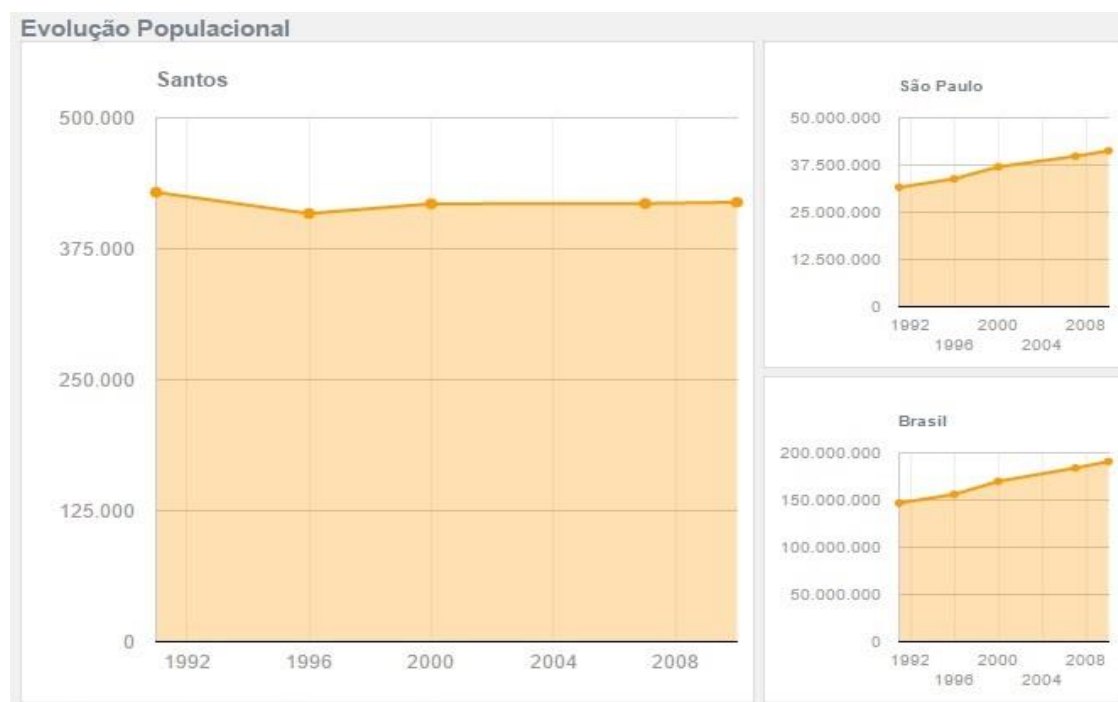
É possível perceber a saída da população santista da cidade pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no qual verificamos que enquanto a população do estado de São Paulo, e até do país, vem crescendo a uma taxa que gira em torno de 14%, a população de Santos diminuiu e agora está praticamente estável, com um aumento de 0,34% se compararmos os Censos de 2000 e 2010.

Mas é possível que essa estabilidade deva-se à grande quantidade de prédios de apartamentos que estavam sendo construídos na cidade e já foram entregues, pois comparando os números do IBGE entre 1991 e 2000 (figura 16), a população de Santos estava “encolhendo” com uma taxa de -2,55% quando o mercado imobiliário deu início a esse “boom” que expulsou um grande número de famílias tradicionais e população caçara, demolindo grande parte da história da cidade e transformando-a num canteiro de obras.

¹⁶ Pessoas influentes que mandam e desmandam na cidade e no poder político local.

Foram muitos prédios de apartamentos de alto padrão, depois começaram a surgir prédios de salas comerciais, surgiram então lançamentos de apartamentos pequenos, mas com grandes preços de metro quadrado e, quando o terreno é pequeno, inviabilizando a construção de um prédio alto, as casas são demolidas para construir “caixotes” de concreto para acomodar as farmácias que já viraram “epidemia” na cidade¹⁷.

As pesquisas do IBGE demonstram que a RMBS teve um aumento significativo em sua população, no entanto essa movimentação não foi igual para todos os municípios, enquanto Santos perdeu ou estabilizou sua população, Praia Grande e Bertioga foram as cidades que tiveram maior crescimento demográfico do país.



Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010;

Figura 16: Gráfico do IBGE (IBGE, 2015)¹⁸.

Outro fenômeno que vem acontecendo em Santos é o aumento da idade da população que no Censo de 2000 contava com 83.069 pessoas com 60

¹⁷ Este processo foi muito bem descrito em relato de Edith Pires Gonçalves Dias, uma antiga moradora que descreve a orla de Santos desde os tempos dos casarões da avenida da praia e o saudosismo com o que restou. Conforme apêndice.

¹⁸ IBGE, 2015.

anos ou mais de idade e em 2010 passou a 150.607 idosos, um aumento bastante significativo que pode ser percebido nas ruas e na quantidade de Repúblicas Municipais e Casas de Repouso espalhadas pela cidade.

O IBGE também demonstrou que a cidade de Santos é a mais feminina do Brasil, segundo o Censo de 2010 Santos é a cidade com maior porcentagem de mulheres do Brasil com uma população feminina de 224.761 contra 193.222 homens em 2000 subindo para 227.488 mulheres em 2010 quando a população masculina desceu para 191.912 (figuras 17 e 18). Desníveis que precisam de atenção, pois podem causar mais problemas para o município.

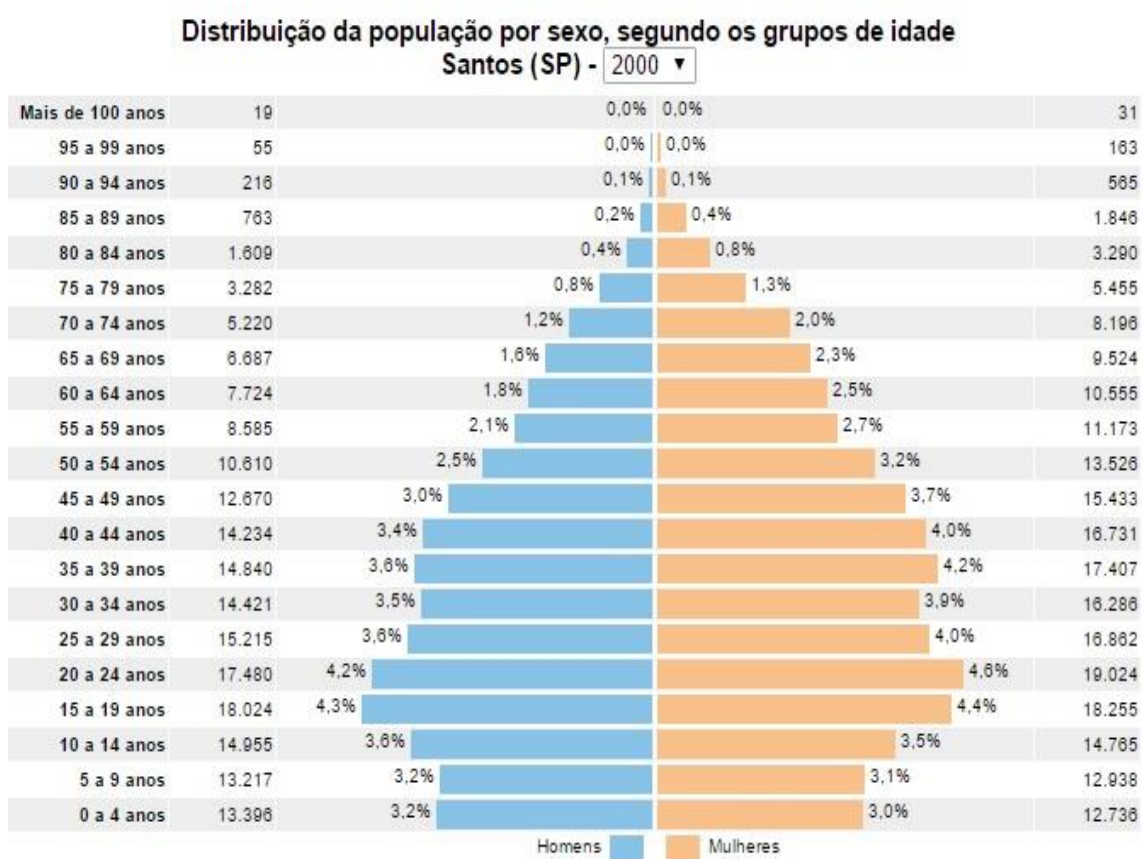


Figura 17: Gráfico do IBGE (IBGE, 2015).¹⁹

¹⁹ Op. Cit.

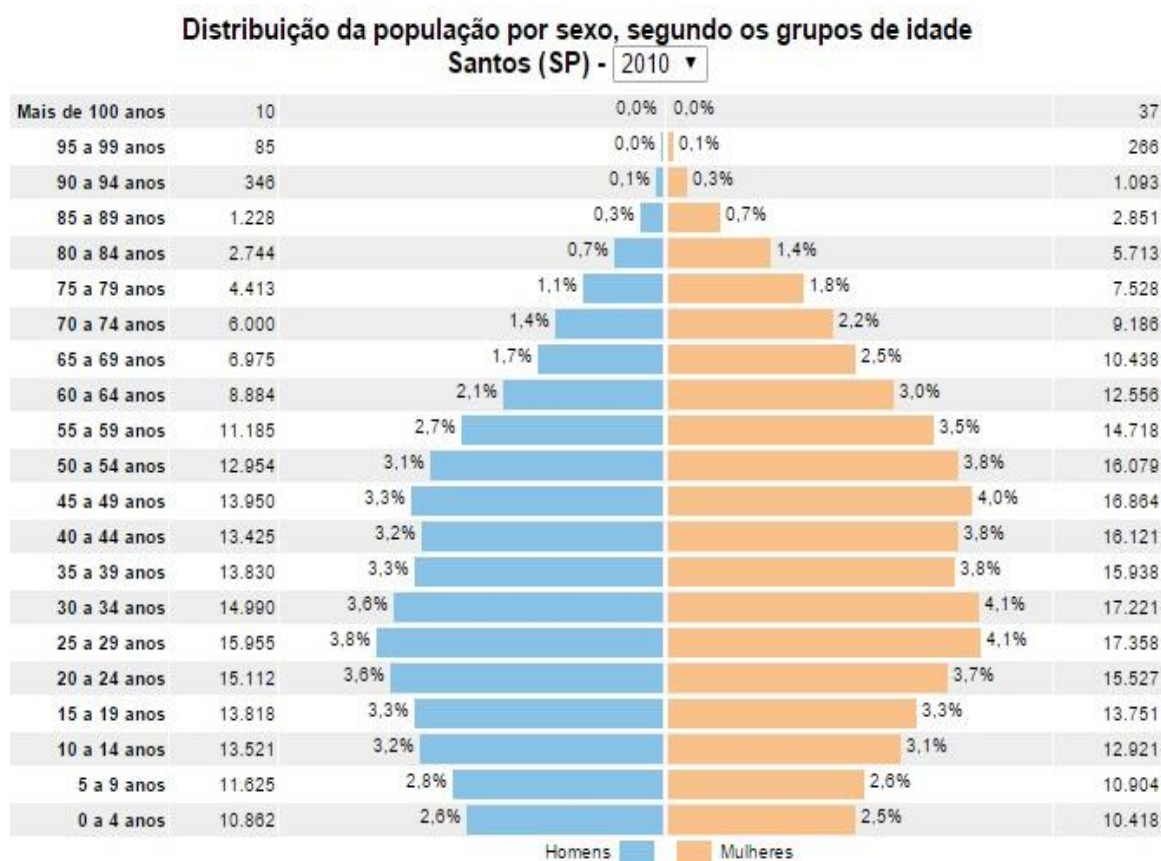


Figura 18: Gráfico do IBGE (IBGE, 2015).²⁰

O Plano diretor da cidade de Santos, em seu artigo 3º diz:

“Santos tem por objetivos gerais promover o desenvolvimento econômico sustentável, a função social²¹ da cidade e da propriedade urbana, a equidade e inclusão social e territorial, a gestão democrática e o direito à cidade’ E ... § 1º Entende-se por desenvolvimento econômico sustentável a compatibilização do desenvolvimento econômico e social, de natureza inclusiva, com a preservação ambiental, garantindo a qualidade de vida e o uso racional e equânime dos recursos ambientais naturais ou construídos, inclusive quanto ao direito à moradia digna, à acessibilidade, mobilidade e comunicação para toda a comunidade.”

Mas qual seria a função social da cidade de Santos, afinal? E essa “inclusão social” inclui quem? Assistimos todos os dias ao avanço violento da especulação imobiliária sobre a cidade, o Plano Diretor e o zoneamento de Santos se adaptam cada vez mais aos interesses capitalistas e o mapa da destruição vai crescendo junto com o “desejado progresso”.

²⁰ Op. Cit.

²¹ Grifo da autora.

No mapa a seguir (figura 19) é possível verificar a área próxima à praia separada pela linha vermelha (do lado direito do morro) que era de grande interesse imobiliário, quando a população mais carente se mantinha para dentro da antiga “linha da máquina”. O preconceito é tanto que, por vezes, algumas pessoas que procuravam imóveis para comprar e sabiam de algum na Avenida Afonso Pena (marcada pela linha vermelha) queriam saber com antecedência o número do imóvel, pois os números pares correspondiam aos bairros considerados nobres como Ponta da Praia, Embaré, Boqueirão e Gonzaga, já os ímpares que teriam como endereço o bairro do Estuário, Macuco ou Encruzilhada não interessavam.

Hoje a Especulação Imobiliária já ultrapassou esse limite expulsando parte da população da área separada pela linha verde. O que restou da zona leste, as empresas ligadas ao porto estão transformando em galpões e espaços de containers, garantindo seu espaço na cidade, próximo ao Cais, enquanto a população se muda para a Zona Noroeste e cidades vizinhas, o que acaba elevando o preço destes locais também.



Figura 19: Mapa da Cidade de Santos, SP (SANTOS NA WEB, 2015).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Capitalismo é voraz e não economiza meios para promover a acumulação. A população santista está sendo “empurrada”, cada vez pra mais longe do seu local de origem, e ninguém se questiona à quem “pertence” a cidade, para onde vão seus conterrâneos, o que será feito das pessoas que não conseguiram acompanhar o crescimento da cidade, e não suportaram pagar os altos preços dos impostos e do custo de vida local.

Um dos argumentos usados por quem “controla” a cidade para justificar sua violenta transformação é que, para que o progresso aconteça, a cidade tem que ser transformada, mas é preciso se questionar a que preço esse progresso será alcançado, pois o capitalismo não se satisfaz e logo precisará renovar suas fontes de lucro numa demolição e construção constantes (figuras 20 a 23), e, nesse processo, os moradores da cidade são sempre “expulsos” para que recomece tudo novamente.

Infelizmente a sociedade não conhece sua força e não consegue se conscientizar da gravidade dessa situação que só traz lucro para poucos e prejuízo para muitos, achando que isto está posto. Como disse Marx (1968) “A violência é a parteira de toda velha sociedade que traz uma nova em suas entranhas”, se faz necessário a busca e, principalmente, a disseminação de informações para que a sociedade consiga se organizar e lutar para mudar essa situação, só nos resta a esperança de conseguirmos mudar essa realidade antes que seja tarde demais e para que esse “parto” aconteça!



Figura 20: Sobrado na Av. Washington Luiz que foi demolido para a construção de uma farmácia (fonte: Google Maps).



Figura 21: Farmácia construída no lugar do sobrado (fig. 20) (fonte: autora).

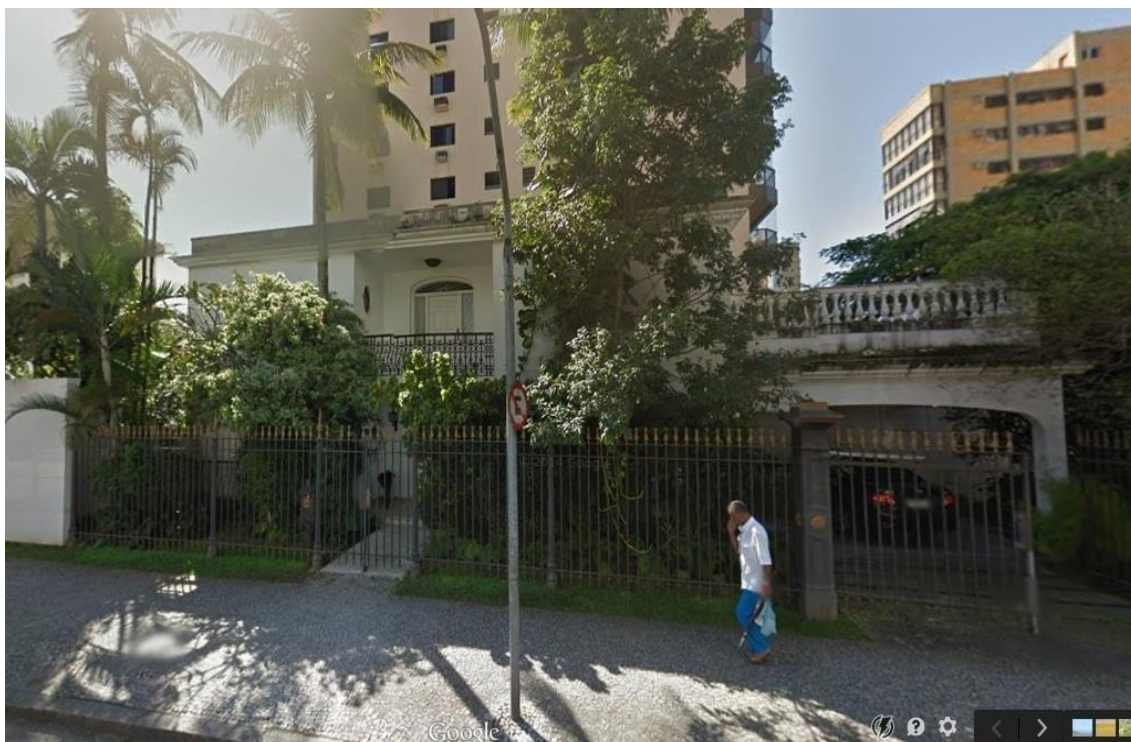


Figura 22: Sobrado na Rua Conselheiro Lafaiete que foi demolido para a construção de uma farmácia (fonte: Google Maps).



Figura 23: Farmácia construída no lugar do sobrado (fig. 22) (fonte: autora)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS FILHO, C. M.. 2001. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos**. Studio Nobel, São Paulo.

DIÁRIO DO LITORAL. 2015. Disponível em: <http://www.diariodolitoral.com.br/conteudo/33016-medico-presno-no-navio-raul-soares-se-reune-com-sindicalistas-no-dl> Acesso em: 13 de junho de 2015.

ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA. 2015. Disponível em: http://www.ufjf.br/pa8/files/2015/03/7B1_ESPECULA%C3%87%C3%83O-IMOBILI%C3%81RIA.pdf Acesso em: 23 de junho de 2015.

GITAHY, M. L. C. 1992. **Ventos do Mar**. Ed. UNEP, São Paulo .

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2015. Disponível em: http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?ano=2010&codigo=354850&corhomem=88C2E6&cormulher=F9C189&wmaxbarra=180 Acesso em: 18 de junho de 2015.

INSTITUTO MOREIRA SALES. 2014. Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/a-era-da-demolicao-permanente-quatro-perguntas-para-guilherme-wisnik> Acesso em: 25 de junho de 2015.

MARX, K. 1968. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Editora Civilização Brasileira.

MARX, K. & ENGELS, F. 1998. **O Manifesto Comunista**. Ed. Paz e terra.

NÁUTICA TOTAL. 2014. Disponível em: <http://nauticatotal.com.br/noticias-cotidiano/4170-4170> Acesso em: 10 de junho de 2015.

NOVO MILÊNIO. 2015. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendasnm.htm> Acesso em: 25 de junho de 2015

PORTAL IG. 2010. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/empresas/comercioservicos/escassez-de-terreno->

fara-de-santos-cidade-para-ricos/n1237668142086.html Acesso em: 24 de junho de 2015

PORTAL R7 NOTÍCIAS. 2015. Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/em-cinco-anos-pm-de-sao-paulo-mata-mais-que-todas-as-policias-dos-eua-juntas-20110607.html> Acesso em: 29 de junho de 2015.

SANTOS. Prefeitura Municipal de Santos. 2015. Disponível em: <http://www.santos.sp.gov.br/conheca-santos/brasao> Acesso em: 28 de junho de 2015

SANTOS NA WEB. 2015. Disponível em: <http://www.santosnaweb.com/categoria/historias-da-cidade-de-santos/> Acesso em: 9 de junho de 2015.

SILVA, Edith Bandini. 1992. **Saneamento Urbano e expropriação dos corpos: as epidemias e a orfandade em Santos (1889-1932)**. Dissertação de Mestrado. Programa de história da PUC-SP.

VAZQUEZ, D. A. (org.). 2012. **A questão urbana na Baixada Santista: Políticas, vulnerabilidades e desafios para o desenvolvimento**. Editora Universitária Leopoldianum, UNISANTOS.

VEJA. 2010. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/santos-cresce-nova-sede-da-petrobras-expansao-do-porto/> Acesso em: 11 de junho de 2015.

VIAJE AQUI. 2015. Disponível em: <http://viajeaqui.abril.com.br/cidades/br-sp-santos> Acesso em: 20 de junho de 2015.

APÊNDICE I

A seguir a transcrição, copiada do site Novo Milênio, do relato da escritora e antiga moradora Edith Pires Gonçalves Dias, que descreve a orla de Santos desde os tempos dos casarões da avenida da praia e o saudosismo com o que restou.

“Santos de ontem

A PRAIA ANTIGA

As lembranças registradas nestas páginas mostram o valor das tradições desta cidade. Muitas coisas desapareceram em nome do progresso, fatos que os mais idosos lamentam sempre. Nessa volta ao passado, que tanto me encanta, vamos nos situar no grande terreno onde foi levantado o Clube Internacional de Regatas, ponto final dos bondes que circulavam pela praia.

Iniciando nossa caminhada, encontramos o majestoso prédio onde funciona o Museu de Pesca. Ele foi construído para abrigar a Escola de Aprendizes Marinheiros. Parece-me ver ainda aquele enorme grupo de pré-adolescentes que, ali internados, estudavam tudo que se relacionasse com esse ofício, saindo aptos para trabalhar nos navios mercantes e até mesmo nos de passageiros.

Desvendavam todos os segredos desse gigante que é o mar. Sabiam como enfrentar as marés altas e como singrar suas ondas. Aos domingos, eles costumavam fazer um passeio pela orla da praia, acompanhados por atentos monitores. O mesmo azul do céu, no terno dos seus uniformes. Para mim, ainda menina, essa cena, sempre repetida, jamais se banalizou. Era uma eterna domingueira! A praia ainda se encontrava em seu estado primitivo, mas era uma bela moldura para esse grato espetáculo. O que mais impressionava a todos que o assistiam era a disciplina existente.

Prosseguindo o passeio, chegamos ao local onde hoje é a Rua Inglaterra. Desse ponto, até a Rua Trabulsi, estava a chácara de Robert Sandall. Ele era inglês e a esposa descendente de alemães. Um de meus irmãos casou com uma filha do casal, o que nos aproximou. Na chácara muitas plantas, arvoredos, orquídeas raras, tudo demonstrava organização e expressivo bom gosto. A casa bem no meio do terreno era térrea e com muitos

cômodos, pois a família era numerosa, coisa comum naquela época. Não se falava em planejamento familiar e todos os filhos que Deus mandava eram acolhidos com igual alegria.

Passados muitos anos, quando os filhos se casaram, a chácara foi dividida em lotes, onde os novos casais erguiam suas residências. O atalho ao lado se transformou na bela Rua Inglaterra, homenagem ao país berço do proprietário. Esse terreno ia até a Avenida Eptácio Pessoa.

Vocês, meus leitores, não podem imaginar como é gratificante lembrar nitidamente esses detalhes. À semelhança de um filme, temos a visão das transformações e do progresso, calcado nas novas edificações, de acordo com o aumento da população. Não sei se acontece com todos, o que acontece comigo. Das pessoas amigas com as quais convivi, guardo uma lembrança especial.

Do casal Helena e Robert Sandall, lembro um fato singular. Eles frequentavam cultos religiosos aos domingos, embora com crenças diferentes. Era lindo quando ele deixava a esposa, católica, na missa do Embaré, e prosseguia seu caminho até a Praça Washington, para o culto na Igreja Presbiteriana. Maravilhoso respeito mútuo, cada um aceitando a religião do outro.

De onde terminava o terreno dos Sandall, até a esquina do Canal 6, era um terreno enorme que pertencia ao meu pai. Sempre generoso, apoiando as iniciativas dos filhos, cedeu graciosamente esse espaço para ali funcionar o Atlântico Clube, fundado por Arnaldo de Barros Pires, eterno esportista, de marcante espírito comunitário. Era muito querido, sobretudo no meio cafeeiro, e conseguiu rapidamente um grande número de sócios.

Não tinham condições de construir muitas dependências, mas o essencial foi levantado. Havia um bom campo de futebol, mas a grande glória do novo clube foi construir um ringue de patinação. Não era coberto, mas Santos, naquela época, não era tão castigada pelas chuvas. À sua volta, numa parte cimentada, eram dispostas numerosas cadeiras para acomodar os que gostavam de apreciar um bonito esporte. Logo foi formado um time de hóquei, a maioria militante de firmas cafeeiras. Vieram times até do Paraná para competir com o Atlântico Clube, não raro o vencedor.

Cito alguns atletas de que ainda me lembro: Oswaldo Faria de Paula, Mauro Botti, Waldir Campos Pacheco, Mário Andrade, Edilberto e Jayminho Kannebley, Edmar e Ademar Porchat de Assis, Thomas Richer, Caio de Barros Penteado, Teco Cândido Gomes, Orlando de Barros Pires, José Carrijo, Linares, entre outros apagados da memória.

Todas as noites as famílias se reuniam no clube. Os que ensaiavam os primeiros movimentos sobre os patins, agarrados à grade que rodeava a pista, ofereciam momentos cômicos com suas quedas. Mas o aprendizado era rápido, os novatos num instante deslizavam com facilidade. Os mais aptos ofereciam bonitos espetáculos, semelhantes aos balanços às vezes executados por casais, ao som das valsas vienenses.

Havia concursos para patinadoras. Eu aprendi com a maior facilidade e até competia com as já moças. A melhor de todas era a Irba de Castro Rios. Como eu a admirava! Mas, pasme, eu sempre era classificada. Tenho do Atlântico Clube as mais belas e gratas lembranças. Nem a praia e o banho de mar me atraíam tanto quando a patinação. Todo tempo permitido, lá estava eu, deslizando sobre os patins, que eram diferentes dos de hoje. Lamentavelmente, esse clube não teve grande duração, pois com a crise financeira que abalou a América em 1929, afetando as firmas cafeeiras, meu pai vendeu a propriedade, para honrar seus compromissos.

O grande terreno foi ocupado mais tarde pelo Hespanha Foot Ball Club que, em razão dos efeitos da 2ª Guerra Mundial, mudou sua denominação para Jabaquara Atlético Clube. A simpática agremiação da colônia espanhola está hoje instalada em grande terreno no bairro da Caneleira, onde manda seus jogos no Estádio Hespanha.

Quando o Jabaquara vendeu o terreno da Ponta da Praia, sua sede foi demolida e loteada. No local surgiram muitos prédios de apartamentos, lojas e até mesmo um supermercado. Sempre o progresso andando com rapidez incrível!

Prosseguindo nosso passeio, chegamos ao Instituto Dona Escolástica Rosa, escola que passou por grandes transformações. Seu idealizador, João Otávio dos Santos, era padrinho de minha mãe, ligação afetiva que faz me deter em seu histórico, como fiz em matéria de minha autoria, publicada no jornal A Tribuna em 31 de março de 1990.

Nascido em berço humilde, conquistou invejável condição econômica graças à sua capacidade de trabalho e determinação. João Otávio foi, sobretudo, uma criatura generosa que amparou muitas entidades filantrópicas.

Ao falecer, aos 70 anos, deixou a maioria de seus bens para a Santa Casa de Misericórdia, mas também, a responsabilidade de realizar o seu grande sonho: a construção e instalação de uma escola profissionalizante para preparar crianças de poucos recursos para o mercado de trabalho, em seus vários setores. Um idealismo muito nobre, que certamente nasceu do fato de ter nascido pobre. A importância por ele deixada, principalmente através de propriedades alugadas, daria para manter o empreendimento.

Bastante providente, ao perceber que não teria muito tempo de vida, em razão de ser acometido de uma arteriosclerose, um pouco antes de morrer lavrou testamento, nomeando único testamentário o seu grande amigo Júlio Conceição, que desempenhou um árduo trabalho, respeitando as vontades expressas nesse documento.

Não foi uma tarefa fácil, mas depois de um período bastante longo, foi construída a escola dos sonhos de João Otávio, planejada pelo engenheiro dr. Ramos de Azevedo. Vencidas todas as lutas, em 1908 era inaugurado o Instituto D. Escolástica Rosa, que dessa maneira perpetuava o nome de sua mãe, uma mulher humilde, mas grande batalhadora.

João Otávio foi minucioso e cauteloso ao idealizar essa notável escola. Nenhum detalhe foi omitido. Muitos alunos passaram pela escola, dali saindo profissionais que souberam exercer seu trabalho com eficiência.

Durante 25 anos a Santa Casa administrou o Instituto com a renda dos imóveis deixados por ele. Mas com a sua desvalorização, foi se tornando difícil manter o seu funcionamento. No ano de 1933 foi firmado um convênio com o Governo do Estado, que passou a dirigir o modelar estabelecimento de ensino.

Várias modificações desvirtuaram totalmente suas atividades iniciais. Hoje, só o prédio, de uma notável arquitetura, nos lembra a antiga escola! E a vontade de seu idealizador não foi respeitada.

No terreno ao lado dessa escola era a residência da família Cox. Uma construção imponente. Mais tarde ela foi adquirida pelo empresário Carlos Caldeira Filho, que a reformou completamente, nada transparecendo da antiga construção.

Vale lembrar que Caldeira foi prefeito nomeado em nossa cidade, quando Santos ainda não havia reconquistado sua autonomia política. Serei eternamente grata a ele por ter declarado de utilidade pública o meu amado "Casarão Branco", através do decreto municipal nº 5.645, assinado aos nove de outubro de 1979. Estava salvo esse monumento de arquitetura que hoje é motivo de orgulho para os santistas.

Na antiga residência de Carlos Caldeira Filho funciona hoje uma lanchonete e nada mais restou de suas antigas formas.

Ao lado, uma casa grande, de portão alto, foi durante muitos anos a residência da família de Jayme Kannebley. A seguir um grande sobrado, residência dos Battendiéri. Na esquina, residia a família de Renato Pinho.

Atravessando a rua, encontrava-se a residência de Manoel Varella, uma casa bem no fundo do terreno, de arquitetura simples e que mais tarde foi demolida, dando lugar a uma notável construção, revestida de pedra, que tinha como destaque um painel de azulejos portugueses e um grande jardim, onde eram encontradas belas espécies de orquídeas. Continuou sendo habitada pela referida família.

Mais adiante, encontramos um casarão enorme onde residia a família Patti. Ao lado, duas grandes casas geminadas, onde moravam os irmãos Miryam Pacheco de Barros Penteado e Waldir de Campos Pacheco. Elas tinham na parte superior um grande terraço envidraçado. Da rua podíamos ver a Miryam, que muito cedo se revelou uma grande artista na pintura, postada à frente do cavalete onde as telas recebiam as imagens criadas por suas mãos privilegiadas.

Essa quadra terminava com duas casas isoladas, mas iguais. Numa residia a família de Duílio Pinto Novaes e na outra a família Amaral Castro, à qual pertencia uma excelente pianista, Thereza Amaral Castro. Atravessando a Rua Alexandre Martins, de esquina, a majestosa casa construída por Pêrsio Martins e que se tornou famosa pelas aves de grande beleza que povoavam seu imenso jardim.

Elas constituíam uma verdadeira atração turística. Era comum vermos pessoas postadas atrás do gradil que a cercava, as crianças penduradas no seu paredão, gozando daquele bonito espetáculo. Durante muitos anos, essa casa foi ponto de parada de quantos transitavam pela avenida. Como tantas

outras coisas que enalteciam a nossa cidade, essa construção sofreu a ação das picaretas, para ser erguido em seu terreno um grande conjunto de apartamentos. Nessa construção foi ocupado também o terreno ao lado, onde havia uma casa muito antiga que fora habitada pela mãe de Pêrsio Martins.

Seguiam-se várias residências de paulistanos, que só as ocupavam nos meses de temporada. Ultrapassada a Rua Anália Franco, pegado à casa da esquina, uma construção que merece especial registro. Eram duas casas geminadas, diferentes entre si, o que lhes dava a aparência de serem apenas uma. Elas foram construídas por dois irmãos médicos, dr. Teophilo Falcão e dr. Edgard Falcão.

Entre essa construção e uma outra a seguir, havia um enorme corredor que levava a uma casa térrea enorme, cujo terreno também ia até a Avenida Epitácio Pessoa. Não sei quem ali morou em época passada, mas ali residiu até falecer o sr. Leônidas Carvalhaes durante os anos 40.

Justamente nessa ocasião, meus pais decidiram residir novamente em Santos e a alugaram. Logo formaram uma enorme horta, graças à competência de um excelente empregado, o Seu Antônio, que apelidamos de "Chitão", pois era assim que ele se expressava ao referir-se ao nosso grande dr. Washington Luiz. Apesar de andar curvado, em razão de um problema na coluna, era um jardineiro muito ativo.

Nessa época eu já estava casada e morava na casa do tio Bulle, a apenas uma quadra dali. Costumava ir até a horta pela manhã, com uma cesta, para trazer as verduras fresquinhas e "sem agrotóxicos", pra o nosso almoço. Um fato digno de registro era um vizinho de papai, mas de frente para o mar. Era uma casa muito grande, rodeada de arvoredos onde, nos anos 30, morava a família de Mauro Goulart. Muitas vezes fui ali, quando me preparava para o vestibular da Escola Normal com a professora d. Zeny de Sá Goulart, que também foi vereadora de nossa Câmara Municipal. Tenho um enorme respeito pela sua memória.

Mas à época que meus pais moravam na casa dos fundos do célebre corredor, ali residia o dr. Justino, sogro do Manoel Varella. Aos domingos, logo cedo, meu pai ia buscar os jornais e trazia-os também para seu vizinho. Este, sensibilizado pela sua atenção, quando se referia a ele, assim se expressava:

"O mais encantador dos vizinhos"... Essas coisas realmente só aconteciam na "Santos de Ontem"!

Atravessando a Avenida do Canal 5, na esquina havia uma grande casa térrea que pertencia ao dr. Ernesto de Castro, amigo dileto de meu pai e que tinha essa propriedade para veraneio e fins de semana. Em São Paulo, até morrer, residiu na Avenida Paulista, na esquina com a Praça Oswaldo Cruz, a célebre Casa das Rosas, que hoje é um espaço cultural. Felizmente ela não foi sacrificada. Ele era um empresário do ramo de importação e meu pai colaborou algum tempo nos serviços de sua firma.

Ao lado, havia uma casa também de paulistanos, que pertenceu ao Carlos Caldeira Filho, antes de adquirir a casa da família Cox. Na esquina seguinte, a residência de Lafayette Pacheco. Quando fui sua vizinha, em 1941, tivemos um grato relacionamento e guardo preciosas lembranças de dona Adelaide, sua mulher, que era irmã da esposa do dr. Costa e Silva Sobrinho.

Perdoem-me se envolvo nessa narrativa tantos fatos que enriqueceram minha existência. Sabemos que hoje existem vizinhos que nem se cumprimentam. Parece que o espírito de convivência está desaparecendo a cada dia. Felizmente, fui criada conhecendo o dever que temos de cumprimentar os vizinhos e até mesmo pessoas que não conhecemos, quando estão conosco no elevador. Todos sabem o quanto sou extrovertida. Adoro comunicar-me com as pessoas. É o que estou fazendo através deste livro. Quem sabe se ele poderá despertar, em muitos, a lembrança de fatos já esquecidos?

Atravessando a Rua Sampaio Moreira, erguia-se a grande casa do tio Bulle, onde fui tão feliz! A casa primitiva era também um bangalô, mas eles decidiram transformá-la num sobrado, o que resultou num prédio muito lindo. Tinha uma característica especial, um cômodo no terceiro andar, que apelidamos de torreão. Ali foi instalada uma biblioteca. Acomodados em confortáveis poltronas de couro marrom, podíamos entregar-nos à leitura, ou simplesmente apreciar o espetáculo do mar beijando a praia com suas ondas. Pintada de branco, foi apelidada de "bolo de noiva". Bem merecido! Ainda durante a reforma, meus tios compraram um terreno ao lado, onde foi feito um jardim encantador, onde, nos fundos, havia uma cerca viva que escondia a horta e o galinheiro.

No jardim havia um enorme lago com criação de peixinhos e, na frente, um coreto de onde podíamos apreciar o movimento. Tinha uma sombra acolhedora, oferecida por um enorme "chapéu de sol".

Hoje, nesse local, ergue-se o Edifício Paineiras. Sempre que ali compareço para visitar minha querida "prima Augusta", voltam-me à lembrança os dias felizes em que ali morei, criando meus filhos naquela largueza...

Entre essa casa e uma residência que foi construída por um casal de São Paulo, havia um terreno vago, onde após muitos anos se construiu um prédio de apartamentos. A referida casa foi comprada pelo saudoso advogado dr. Ariosto Guimarães. Acompanhei o namoro e o noivado de seus filhos Lílian e Orlando. Assisti ao casamento de ambos. Num passado não muito distante, eu disse à Lílian que ainda lembrava do vestido dela, no dia de seu noivado. Era de cor verde alface e sua saia apresentava um babado em cascata, muito usado naquela época. Ela ficou admirada de minha memória! Essa casa hoje é ocupada por um conceituado restaurante.

Prosseguindo em nossa caminhada, encontramos uma casa que quase sempre estava fechada, propriedade também de paulistanos. A seguir, chegava-se à casa da família Golzi. Quando namorava, eu me sentava no murinho que sustentava a sua grade, a exemplo de outros casais de namorados, amigos entre si, que "alugavam" os muros disponíveis... Que bom tempo!

Vizinho aos Golzi, havia um grande sobrado da família Pierri e, a seguir, o bangalô da família Raposo, de todos guardo preciosas lembranças. Suas portas estavam sempre abertas para nosso grupo e ali realizavam festas para que pudéssemos dançar. Não havia as "baladas"!

Quando converso com Gilda Raposo Scheneider, lembro com emoção esse bom tempo, quando as amizades não eram convencionais, mas vividas intensamente. Ao sairmos do Casarão Branco, mudamos para a casa vizinha ao bangalô de Gilda. Foi uma temporada muito feliz de minha vida.

Na esquina da Rua Oswaldo Cóchrane residia o senhor Cunha, casado com uma integrante da família Ribeiro dos Santos. Ele é que nos alugou a referida casa (N.E.: essa casa, que tinha o endereço postal de Ponta da Praia, 55, também pertenceu antes a Heitor de Moraes, cunhado do escritor Monteiro Lobato, onde este se hospedava constantemente. No final do século XX, em

lugar da casa foi construído o edifício Gaivota). Mais tarde, quem residiu nela foi o dr. Eduardo Delamare, que já não está mais entre nós.

Às vezes entristeço-me de ver que o pessoal do meu tempo vai desaparecendo, e, conseqüentemente, meu patrimônio afetivo vai ficando mais pobre.

Do outro lado da rua era a residência da família Luiz Caiaffa. Como a maioria das construções que marcaram a época em que as praias começaram a ser habitadas, essa casa era térrea e bem distante da avenida. Rodeada de enorme jardim e quintal pontilhados de grandes árvores, era um lugar muito aprazível.

Caiaffa era uma criatura muito generosa, que se dedicou principalmente aos internos da Casa da Criança. Constantemente os trazia para passarem os dias em sua casa e gozarem das delícias da praia, do banho de mar e dos folguedos no espaço de seu amplo terreno. Eu me encantava com o alarido feito por eles! Como admirava esse gesto do grande filantropo.

Ele se notabilizou também pelas festas juninas que oferecia todos os anos, numa grande chácara que possuía, no Boqueirão da Praia Grande. Esse acontecimento ficou famoso e era aguardado com ansiedade pelos amigos que ali compareciam. Eu ainda era uma adolescente e um mês antes já começava a me preparar para comparecer devidamente caracterizada. Havia fartura de doces e salgados, também obedecendo ao estilo da festa. Apesar de ser servido o famoso quentão, ninguém se embriagava. Acho que antigamente as pessoas eram mais comedidas.

Pegado aos Caiaffa havia uma grande casa térrea que aparentava ser muito cômoda. Seus proprietários, paulistanos, raramente vinham a Santos. O imóvel estava sempre fechado, apenas um caseiro zelava por ele e o mantinha cuidadosamente tratado. Nele se destacavam muitas flores de coloridos diferentes e gramados sempre aparados.

Em seguida vinha a residência da família Ribeiro dos Santos, uma família muito querida. O Gastão e o Memé, apelido do Américo, frequentavam muito a nossa casa, amigos que eram de meus irmãos. Às vezes eu lembro da turma que vinha jogar tênis e croquê, no casarão branco; das festas que mamãe improvisava na grande sala de aula; da edícula depois da casa; das tardes ouvindo música na sala onde havia um piano de cauda, rádio e vitrola. E

chego à conclusão de que, embora não houvesse televisão, computadores e vídeos, nos divertíamos muito.

Nossa quadra de tênis estava sempre à disposição dos amigos. Ninguém se escravizava aos divertimentos. Tudo era aproveitado com muita naturalidade, sem atropelos.

Dona Anita, a matriarca da família Ribeiro dos Santos, criatura de grande bondade, ainda em vida manifestou o desejo de que futuramente ali fosse construída colônia de férias para crianças do interior, cujas famílias não tinham condições de proporcionar-lhes uma temporada na praia. Seu desejo tornou-se realidade. Hoje, no local onde ela morou nos últimos anos de vida, ergue-se a Casa da Vovó Anita que, ao longo do tempo, vem cumprindo fielmente as suas finalidades.

Causa-me alegria e emoção, quando passo pela sua frente e vejo a criançada, cuidadosamente monitorada, atravessar a avenida em direção à praia.

O alarido que fazem assemelha-se ao barulho dos pássaros ao entardecer. Seus olhinhos brilham de alegria! Podemos imaginar o que devem contar quando retornam às cidades onde residem...

Seguia-se um sobrado onde moraram os Rocha Leite. Depois uma casa de porão alto, onde viveu a família de Olavo Ferraz, até se transferirem para o Rio de Janeiro.

Em seguida a residência dos Bento de Carvalho, cujos filhos Pedro, João e Josette eram também nossos amigos.

Simeão, o filho mais velho, era campeão de natação. Mas, por uma ironia do destino, encontrou a morte de uma maneira trágica, quando passava uma temporada no Rio de Janeiro. Nadando em uma de suas praias, como bom nadador que era, afastou-se muito, entrando pelo mar adentro. Acometido de forte cãibra, como se presumiu, não pode retornar, morrendo de afogamento.

Toda a cidade chorou por sua partida. À semelhança da saudosa Renata Agondi, outra vítima do mar que tanto amava!

Seu vizinho era o saudoso farmacêutico Vahia de Abreu, que durante muitos anos manteve sua farmácia na Avenida Senador Feijó. Era uma figura respeitável. Tinha os cabelos e a barba completamente brancos. À noite

costumava sentar-se numa cadeira de vime colocada na calçada. Todos que por ali passavam gostavam de conversar com ele durante alguns minutos. Ele era de uma simpatia irradiante e dono de grande sabedoria.

Em seguida, a casa da família Linares, seus vizinhos eram os Moraes Barros, uma família também muito simpática.

Na esquina do Largo da Igreja do Embaré, residia a família Sion, onde hoje se encontra o Edifício Lucy.

No princípio do século passado, ainda existia a segunda capela de Santo Antônio do Embaré, que substituiu a pequena capela construída pelo visconde do Embaré dentro de sua chácara. Ela era bem no fundo da praça. Quando se tornou pequena para receber os fiéis, construiu-se a basílica que é considerada, hoje, uma autêntica obra de arte. Minuciosa nos detalhes, a basílica é admirada por quantos visitam nossa cidade. Para construir a atual igreja, avançaram alguns metros à frente, gerando protestos de moradores das ruas laterais, mas o incidente foi esquecido.

Na quadra seguinte, que vai até o Canal 4, moravam as famílias de Julieta Panzoldo, dos Del Nero, do dr. Inácio Pascoal Bastos e de David Medeiros. Este era bastante brincalhão. À noite ele abria a porta e janelas de sua sala de visitas e sentava-se ao piano, passando-se por pianista. Fazia todos os movimentos, como se estivesse executando uma música. Mas na verdade ele colocava na sua vitrola discos de pianistas famosos. Os que o conheciam divertiam-se com sua brincadeira e, aos que era um estranho apenas, impressionava seu suposto talento.

Por mais que revolva o arquivo de minhas lembranças, não encontro nenhuma brincadeira de mau gosto. Tudo se originava de uma alegria pura, sadia. Havia muito respeito entre as pessoas.

Atravessando a avenida do canal 4, durante muitos anos, na esquina, havia um terreno enorme onde dois chapéus-de-sol, com sua imensa copa, ofereciam uma sombra acolhedora.

Foi mais ou menos no princípio dos anos 40 que a família Scurachio, grandes industriais de São Paulo, ali construíram uma casa enorme com padrões mais modernos. Pobre casa! Não resistiu à expansão imobiliária e foi demolida para dar lugar a um enorme prédio de apartamentos.

A seguir havia uma casa não muito antiga e que tinha algo que nos intrigava. O proprietário era um advogado de São Paulo. Quando ele chegava, abria-se uma grande porta e o carro entrava na casa, não deixando perceber quem eram os seus passageiros. Aquilo era um tabu, para os que moravam nas proximidades. Em geral, as garagens eram sempre um pouco mais para o fundo do terreno. Um dia, o mistério foi esclarecido. Por questões de bens materiais, ele fazia crer que sua mãe, bastante idosa, já falecera.

Mas, na verdade, ele a mantinha escondida de todos e como sua cabecinha já não funcionava bem, aceitou essa situação sem atinar com as razões que a provocaram. Mas um dia a polícia recebeu uma denúncia anônima e, munida de uma ordem de busca e apreensão, apresentou-se ao proprietário da casa, que custou a franquear-lhes a entrada. Foi o tempo de esconder a pobre velhinha num guarda-roupa. Mas ela foi encontrada pelos policiais. No dia seguinte, o caso era noticiado nos jornais com uma manchete em letras enormes: "Idosa é mantida em cativeiro pelo próprio filho". Guardo até hoje o nome da pobre velhinha, dona Josina do Amaral.

Eu era ainda pequena, mas fiquei impressionada com semelhante selvageria. Todas as vezes que eu passava pelo seu portão, espichava-me para ver se havia algo anormal. Sei lá o que se passava em minha cabecinha. Sei que a família afastou-se completamente da casa, que permaneceu fechada longos anos e acabou sendo vendida.

Até agora só tenho lembrado de coisas alegres, mas hoje são tão comuns os sequestros, que esse caso deixou de ser muito expressivo. Resta-me dizer: "O que faz o dinheiro!".

Pegado a essa cada existia a Pensão Embaré, de propriedade de um casal de portugueses muito simpáticos. Quase nunca recebia turistas. Ali moravam muitas professoras e algumas famílias que a escolheram como moradia, pela tranquilidade que oferecia. A casa ficava bem distante da avenida e na sua frente havia um grande arvoredor e alguns bancos onde as senhoras se reuniam fazendo seus bordados, crochês e tricôs. Era um ambiente de muita paz.

Nossos passos atingem o casarão branco que tanto amo e onde tive a felicidade de morar por muitos anos. Quando lá estou, em razão de minhas atividades como diretora secretária da Pinacoteca Benedito Calixto, e dos

eventos que se realizam com bastante frequência, sinto uma felicidade muito grande por que ele se tornou um patrimônio da cidade. Não corre mais perigo de ser destruído como os outros a que me referi.

Mais uma vez tenho de expressar minha gratidão ao prefeito dr. Osvaldo Justo que, mesmo contrariando interesses econômicos daqueles que cobiçavam o maior terreno de toda a praia, salvou-a da mão impiedosa da picareta. Hoje ele é uma referência da cidade. Seria um crime destruir esse monumento de arquitetura que retrata tão bem uma época áurea da cidade.

Quando fomos residir nessa casa, havia ao seu lado outra pensão, bastante barulhenta, por hospedar os artistas que se apresentavam no Cassino Miramar. Quando terminava o espetáculo e vinham para a pensão, faziam um barulho enorme que perturbava o nosso descanso.

Certo dia, meu pai decidiu adquirir o imóvel que, uma vez desocupado, foi totalmente reformado e alugado para famílias de trato, até ser vendido para a família de Núncio Malzoni.

Logo depois se encontrava a residência da família Emílio Wisling. Era uma casa moderna, de grande comodidade, e que nós frequentávamos, vez que sua cunhada tinha o meu nome e apenas um ano mais de idade. Ela tinha uma irmã mais velha e outra que se casara com o sr. Wisling e assim passaram a viver todos na bela propriedade.

O interessante é que a casa ali construída há muitos anos, bem longe da avenida, foi conservada como era. Os móveis antigos que a decoravam eram maravilhosos e as festas da família eram realizadas nesse local. Era chamada carinhosamente de "casa velha". Nossas famílias tornaram-se muito amigas.

Os moradores seguintes foram os Vaz Guimarães, uma família que se tornou muito amiga da nossa. Apenas dois deles continuam como eu, desafiando o tempo. A Antonieta e o José Roberto.

Vizinhos deles eram os familiares do cônsul da Suécia. Ele tinha duas filhas moças, mas, talvez por serem de cultura e costumes diferentes, tínhamos um relacionamento superficial. Não chegou a ser amizade.

Logo depois havia duas casas geminadas, pertencentes também a famílias de São Paulo. O caseiro de uma delas, durante o dia, trabalhava como arrumador em nossa casa. Manter limpa essa casa de grande dimensão como

a nossa não era tarefa fácil. Ainda não existia aspirador, enceradeira elétrica, produtos de limpeza milagrosos. Eram apenas sapólio e sabão em pedra!

Na esquina da Rua Oswaldo Cruz havia um bar frequentado pelo pessoal do bairro, que ali passava horas conversando.

Chegamos a um ponto de grande importância nesse passado que traz tantas saudades! A quadra compreendida entre as avenidas Bartolomeu de Gusmão, Conselheiro Nébias, Eptácio Pessoa e Rua Oswaldo Cruz. Ali foi construído em 1896 o Teatro e Cassino Miramar, um grande centro de recreação, frequentado por todas as famílias santistas. Famoso além de nossas fronteiras, pelas festas ali realizadas, além do carnaval, sediava também espetáculos teatrais e grandes cantores, como Caruso e Gardel, que se apresentaram com grande sucesso.

Da mesma forma que o Teatro Coliseu, também o Miramar foi ampliado e reformado em 1923. Oferecia aos frequentadores um restaurante requintado, um bar americano especializado em saborosos aperitivos. Oferecia ainda um novo salão de jogos, luxuosamente decorado, que se tornou o mais famoso da América do Sul. Contava também com cinema e pista de patinação.

Em suas dependências fundou-se a mais antiga estação de rádio de nossa cidade, a Rádio Clube de Santos. Foram seus fundadores: Frederico Hafers e Max Valdez, ambos médicos, Alexandro Ratti, Jovino de Mello, Mimi Caldeira, Antenor Rocha Leite, Hermenegildo da Rocha Brito e Duarte Pacheco.

A fase brilhante do Miramar se estendeu até 1929, quando todos foram atingidos pela quebra da Bolsa de Nova Iorque. O Miramar não resistiu aos efeitos desse grave acontecimento e acabou fechando suas portas.

Permaneceu desativado por longos anos, mas eu me comovia quando ali passava e lia o seu slogan gravado no alto do muro: "Venha ao Miramar ainda mesmo que chova". E me vem agora um pensamento: a chuva jamais afetou os seus frequentadores, mas a queda do poder econômico acabou por afastá-los de vez. Como tantas outras coisas que tiveram o seu apogeu, o grande Miramar, de tão gloriosa trajetória, foi abatido pela mão poderosa do infortúnio. Mas jamais será apagada a lembrança de quem o conheceu.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o Miramar transformou-se num quartel. Algum tempo depois, não tendo mais utilidade, foi demolido, seu terreno

loteado, dando lugar a muitas construções, tanto de residências, como de casas de comércio e apartamentos.

Deixemos para trás essa lembrança melancólica. Atravessando a Avenida Conselheiro Nébias, nos vemos à frente do Parque Indígena, que foi motivo de orgulho para os santistas. Formado numa área de mais de dois mil metros quadrados, abrangia o enorme terreno desde a avenida da praia até a Rua Embaixador Pedro de Toledo. Não era conhecido apenas como o Parque Indígena, mas também como a Chácara do Júlio Conceição.

A residência da família era toda branca, destacando-se entre o verde das plantas e o colorido das flores ali cultivadas. Com extraordinário bom gosto ele formou o jardim, o pomar e uma grande estufa onde colecionava plantas raras. Por todo o jardim encontravam-se bancos feitos com ossos de baleia, ideia bastante original. Criava peixes diversos em tanques devidamente preparados. Impossível descrever a beleza de sua cultura de orquídeas. Quando ali entrava, parecia-me estar em outro planeta... Cada recanto simbolizava um especial romantismo, possibilitando dar asas aos sonhos que povoavam minha mente. Mesmo sendo numa época em que os valores ainda não tinham sido atingidos pela lamentável inversão hoje existente, sentia-me flutuar ao sabor dos devaneios de adolescente.

Júlio Conceição iniciou a sua obra, logo que se desincumbiu da construção do Instituto D. Escolástica Rosa, em 1909. Pesquisava atentamente tudo que pudesse fazer parte do seu empreendimento. Não media esforços para realizar o desejo de prover o parque, com desmedido amor, de tudo que pudesse enriquecê-lo. Quem teve o privilégio de conhecer o Parque Indígena em sua intimidade, pode avaliar facilmente o seu amor pela natureza.

Falecendo em 1933, sua imensa obra começou a ser destruída. A coleção de orquídeas, adquirida pela Prefeitura, foi levada para o Orquidário Municipal. Se meu desejo pudesse ser realizado, a Prefeitura haveria de comprar todo esse imenso e belo parque e transformá-lo num rico patrimônio para nossa cidade. Admiro toda beleza existente no Orquidário, mas o meu saudosismo não permite que ele supere o Parque Indígena.

Sua entrada era pela Avenida Conselheiro Nébias, através de imenso portão ladeado por duas colunas encimadas por leões de cimento, como se fossem os guardiões do imenso parque. Júlio Conceição tinha um amor tão

grande pelas suas plantas que, quando a Prefeitura pediu-lhe que cedesse um pequeno espaço do seu terreno para arredondar a curva da avenida, ele concordou, mas impôs uma condição: que a palmeira existente nesse local fosse mantida. Sua solicitação foi atendida, o muro foi arredondado e a palmeira ficou na calçada por onde circulavam os pedestres. Ao seu redor foi construída uma mureta para protegê-la. Era comum nos sentarmos nessa mureta, à espera do bonde que nos levaria para o Colégio São José. Sempre os bondes enfeitando a minha saudade! Essa quadra ia até a Rua da Paz. A Rua Ângelo Guerra foi aberta depois que a chácara foi desativada e loteada, ensejando novas construções.

Guardo nítida a lembrança de algumas pensões que funcionavam nesse local: a Pensão Glória, e a Pensão São João, que pertencia ao Cícero Fontes. Ainda nessa quadra, a casa da família Domingues Pinto. Na sua frente havia um banco onde ficavam apreciando o vai-e-vem dos carros, bondes e pessoas. Meus olhos se enchem de lágrimas ao lembrar da querida Helena, que há pouco nos deixou pra fazer a grande viagem rumo às moradas do Pai. Sua lembrança não pode ser dissociada da imagem do dr. Marcílio Dias Ferraz, que foi o médico da nossa família, enquanto clinicou. Um sábio, uma criatura de grande bondade. Quanta dedicação, quanto amor à profissão o caracterizava. Ele pertence ao grupo dos que não morrem, ficam apenas encantados. Resta-nos agradecer a Deus, de lembrar dos fatos e pessoas do passado!

Mais adiante havia a residência do gerente da Cia. City, o dr. Bernardo Browne. Em seu terreno hoje existe o Edifício Belmar e, na frente que dá para a Rua Arthur de Assis, ergue-se a magnífica sede da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Santos. Seguia-se um sobrado não muito antigo, onde moraram a família Pinto de Oliveira e a família do dr. Cyro Werneck.

Terminando essa quadra havia um bangalô de porão alto, onde moramos quando retornamos a Santos em 1921, depois de alguns anos em São Paulo, motivo por que lá nasci. Ali ficamos até a reforma do casarão branco terminasse. Depois que mudamos de lá, ali estive durante muitos anos a Pensão Eva.

Na outra esquina erguia-se o palacete da família Silva Pinto, que possuía várias casas na redondeza. Havia um menino de quatro anos, o

Edgard, e eu, com apenas três, dizia que ele era meu namorado. Que precocidade!

Mais tarde, nessa casa, que era bastante ampla, funcionou o Instituto Braz Cubas, cujo curso primário era um excelente preparo para ingresso de seus alunos em um dos ginásios já existentes. Nunca esquecerei o carinho de d. Corina e d. Olga Teixeira com meu filho Ciro, quando seu aluno. Essa escola era um magnífico exemplo de estabelecimento de ensino.

No local onde hoje se constrói o Edifício Clube XV, no mesmo terreno onde existiu a 8ª sede do famoso clube, houve antes uma casa pertencente à The Western Telegraph Company. Ela foi adquirida pelo clube, nos anos 60, para construir sua nova sede, inaugurada em 1969, por ocasião das comemorações de seu 1º centenário.

Dirigindo-nos ao outro lado do Canal 3, temos o Palacete São Paulo, o segundo prédio de apartamentos construído em nossa cidade. Felizmente, sua arquitetura original foi conservada e com muita justiça foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio (Condepasa). Ele é o marco de uma época.

Dessa esquina até a Rua Jorge Tibiriçá, existiam várias casas onde residiram os Tormim, os Silvio Malzoni, os Zancaner. E na esquina onde hoje se encontra o Edifício Santa Cecília, era a casa da família de Ismael de Souza, inspetor da Cia. Docas de Santos por muitos anos. Esse imóvel está nítido na minha memória. Era um sobrado grande e na entrada de carros havia uma elevação. Quando terminou a revolução de 1930, o povo envolveu-se em badernas por toda a cidade e um desses grupos pretendeu atacá-los, embora o sr. Ismael de Souza não fosse político.

Ele era um grande administrador. Deu-se então um fato memorável. Seu filho Olavo, que era ainda um adolescente, postou-se na referida rampa e conseguiu impedir a injusta agressão. Tenho boas lembranças de suas três filhas, Nídia, Carmen e Vera, minhas contemporâneas no Colégio São José.

Na quadra seguinte, alguns sobrados eram alugados para temporada. Minha tia Etinha, residente na cidade de Ribeirão Preto, passou várias temporadas em um desses sobrados. As crianças esperavam as férias com ansiedade, para gozarem do prazer que nossa praia oferecia.

Bem na esquina da Rua Carlos Afonseca, era a residência dos Pedro dos Santos.

Nesse agradável passeio pelo passado, chego ao local em que meu coração fica apertado em razão da saudade que sinto do Parque Balneário Hotel, cartão de visita de Santos. Quando ele foi demolido, uma tristeza foi sentida em toda a cidade. Lamentavelmente não surgiu uma "turma do não" que se opusesse à agressão sofrida pela nossa tradição.

Ocupando toda a quadra, o hotel tinha ao seu redor um jardim maravilhoso em meio a árvores seculares. Era um verdadeiro parque. Ao lado havia duas quadras de tênis, usadas não apenas pelos seus hóspedes, mas também por amigos dos Fraccaroli, proprietários do majestoso hotel. Muitas vezes eu levava minha filha, ainda pré-adolescente, para praticar esse elegante esporte. Era seu parceiro o Alfredo, filho dos Dell'Aringa, nossos grandes amigos. Isso nos anos 50. Havia muitos bancos por todo o jardim e que eram muito procurados.

A princípio, no início do século XX, quando foi construído, o Parque Balneário era apenas um bloco. Mais tarde foram aumentando em razão da grande procura por pessoas de todo o Brasil e mesmo por estrangeiros. Por ele passaram pessoas ilustres ligadas à política, como o dr. Júlio Prestes e o dr. Carlos de Campos e muitos outros. Em seu recinto foi lançada a vitoriosa candidatura de Washington Luiz à presidência da República, que ali se hospedou muitas vezes, mesmo na sua volta do exílio.

Quantas vezes ali se hospedaram Guiomar Novaes, Margarida Lopes de Almeida e muitos outros valores de nosso mundo artístico. Por várias vezes fui visitá-las e me encantava com a decoração do tão famoso hotel. Lustres estrangeiros, móveis entalhados. No término das escadas havia sempre uma estátua de bronze com uma lâmpada na mão. Quando decidida sua demolição, antiquários, colecionadores de obras de arte e mesmo pessoas que admiravam o que ali existia, puderam adquirir muitas peças.

Uma das construções mais importantes do famoso hotel era o Kursaal, com entrada pela Avenida Ana Costa. Era de grande luxo. Na parte térrea foi instalado um fino salão de barbeiro, frequentado pelos hóspedes e pela alta roda masculina de nossa cidade. Fazia parte desse anexo o Salão de Mármore, ricamente decorado, onde eram realizadas homenagens importantes e chás da elite. O salão de jogos estava sempre lotado. Não apenas pelos que

gostavam de jogar, mas também por pessoas que ali iam para um convívio amigo com seus conhecidos.

Enquanto o jogo foi permitido, o Parque Balneário atraía muitos turistas afeiçoados a esse tipo de diversão. O restaurante era requintado. Louças, talheres, cristais, tudo do mais alto luxo. Havia ainda um grande salão de baile, sempre procurado pelos formandos de nossas principais escolas. Eram famosos os bailes de carnaval. O baile de formatura de minha turma, em 1936, foi nesse majestoso cenário. Outras festividades tinham como palco esse nobre salão.

Com a proibição dos jogos, teve início a decadência do hotel, agravada também pela queda do poder econômico.

Como já disse antes, sempre guardo uma lembrança mais especial, de lugares e de pessoas. Eu teria talvez uns doze ou treze anos, quando nos chegou a notícia de que havia um incêndio no Parque Balneário. Minha mãe, assustadíssima, levou-nos até o local, mas o incêndio, iniciado num dos apartamentos, não era de grandes proporções e logo foi dominado pelos valorosos bombeiros. Entre os que comentavam sobre o ocorrido, ficamos sabendo que fora causado por um curto-circuito. Ocupava esse apartamento a família de Benedito Gonçalves, que ali se hospedara devido à reforma de sua mansão, bem em frente ao Colégio São José.

Em meio às dificuldades financeiras para a manutenção do hotel, os Fraccaroli o venderam para o Santos Futebol Clube. Mesmo com intensa campanha de venda de títulos, o Santos não conseguiu mantê-lo e finalmente o vendeu para o grupo empresarial liderado por Cláudio Doneux. O empreendimento imobiliário projetado resultou na demolição do tão querido hotel.

Todas aquelas árvores seculares tombaram, à semelhança de soldados que, na guerra, são eliminados por balas inimigas.

Ali foram construídos dois conjuntos residenciais, totalizando cinco prédios, que ocuparam toda a frente pra a praia. Na parte de trás, um hotel de luxo e um centro comercial, com todos os requisitos exigidos pela época que vivemos. Passado algum tempo, o hotel foi adquirido pelo grupo Mendes, que se desfilou da rede "Holiday Inn", voltando a se chamar Parque Balneário, para alegria dos santistas.

O que restou do antigo e glorioso hotel? Apenas um anexo, de frente para a Praça Rotary, onde durante algum tempo funcionou um departamento do Centro de Saúde de Santos, mas hoje sem qualquer ocupação, um leão adormecido. Tardiamente tombado pelo Condepasa, ele hoje pertence ao empresário Armando Lopes. Resta a nossa grande saudade!

Atravessando a Avenida Ana Costa, passamos pelo Atlântico Hotel, que felizmente vem se mantendo fiel às suas tradições. A seguir havia o Hotel Bandeirantes, que, demolido, deu lugar ao Edifício Bandeirantes.

Na esquina, o Hotel Avenida Palace, que desde então pertence à família Dias Marcelino, hoje com muitos sucessores.

Do outro lado, o prédio onde hoje funciona a Caixa Econômica Federal. Ele foi construído pelo Jockey Clube de Santos, sociedade que viveu sua fase áurea, mas também entrou em declínio, até encerrar suas atividades. Foi adquirido pelo Clube XV, que ali permaneceu de 1934 até 1969 e depois o vendeu ao sr. Carlos Paiva.

Seguindo pela Avenida Presidente Wilson, havia o estabelecimento A Sereia, que alugava cabines para troca de roupa, bem como os maiôs, para as pessoas que iam à praia. Eram pessoas que vinham do centro da cidade ou de outros municípios, atraídos pela beleza das nossas praias.

Ao seu lado, a residência da família Ciriaco Gonzalez, um conceituado construtor. Uma casa de porão alto, com uma escadaria na sua frente que levava ao alpendre por onde se ingressava na sala principal. Muitas vezes estive na casa, já que minha colega Odette era membro da família. Falando nessa tão querida colega, lembro de uma passagem que me faz sorrir até os dias atuais.

A Odette Gonzalez, assim como a Leonor Levato, não tinha jeito para desenho. Para lhes garantir uma boa nota, eu os fazia para ambas. Assim foi durante todo o curso. Devo confessar que isso até me incomodava! Afinal, estávamos as três enganando a tão querida professora, d. Quercita Falcão, aliás, uma criatura boníssima, só alma e coração!

Depois que nos formamos, minha consciência pareceu-me acomodada. Mas acontece o imprevisto. Depois de quarenta anos fui conviver com a querida professora no Liceu Feminino Santista, onde fazíamos parte da diretoria. Minha consciência voltou a me perturbar... Decidida que sempre fui,

resolvi contar-lhe o que fazia, pois tinha a certeza do seu perdão. Aí, a surpresa! Quando acabei de confessar o meu delito, ela olhou-me com imenso carinho e disse sorrindo: "Você pensa que eu não sabia? O estilo dos desenhos era o mesmo, mas sua generosidade e coleguismo também me eram conhecidos!" Respirei aliviada! Selamos essa confissão com um afetuoso abraço.

Pegado à casa dos Gonzalez, desde 1918, funcionava a Balneária, a princípio apenas uma padaria, que depois diversificou suas atividades e até poucos meses atrás, era também um restaurante especializado em frutos do mar. Tinha uma freguesia certa e era procurado pela maioria dos turistas que chegavam à nossa cidade. Quando li a notícia de que fechavam suas portas, depois de uma trajetória tão gloriosa, mais uma vez senti dolorido o meu coração e lágrimas dançaram em meus olhos. Não consigo receber com naturalidade o fim de alguma coisa que fazia parte de nossa história e tradição.

Daqui até o canal 2, havia muitas casas que serviam de moradia a famílias mais tradicionais, mas com o tempo aproveitadas para a instalação de pensões e pequenos hotéis. Despertava a vocação turística de nossa cidade e era preciso adaptá-la de forma a receber os que nela chegavam.

A propriedade mais notável, depois do Canal 2, era a residência da família do dr. Silvério Fontes. Uma casa em estilo colonial brasileiro, em meio a enorme jardim. Ali residiu o nosso grande poeta Martins Fontes. A expansão imobiliária não a poupou, impedindo sua preservação para a ideal instalação de um espaço cultural. Em seu lugar foi erguido o Edifício Piratininga. Como homenagem ao seu especial morador, foi colocada bem em frente, no jardim da praia, uma herma com o busto de Martins Fontes.

Desse trecho até a Rua Olavo Bilac, encontrávamos algumas residências que eram muito conhecidas. Uma delas ainda está bem nítida em minha memória. A da família Demétrio Tourinho. Afastada da avenida e cercada por um bonito jardim, chamava a atenção pelos vidros das janelas, todos com desenhos jateados, de extremo bom gosto. Tinha um ar de nobreza que me encantava! Lembro-me com carinho da Maria Amélia, da família Tourinho, muito bonita e agradável. Foi minha contemporânea no Colégio Stella Maris. Ao lado, as casas de número 78 e 80, térreas e muito simples,

durante muitos anos pertenceram ao meu pai, que as alugava para temporada ou cedia aos familiares que o desejassem.

Na esquina, a casa de Arlindo Aguiar, que ainda existe até hoje, resistindo heroicamente à febre da demolição. Ali funciona um restaurante... Quando ocupada pela conhecida família, lembro-me que havia um banco na calçada, onde eles costumavam sentar, para apreciar o movimento de carros, bondes e pessoas. O portão de entrada era de canto e possuía uma cobertura como se fosse um telhado. Pois bem. Esse portão foi palco de um trágico acontecimento.

Certo dia, em que chovia bastante, o sr. Sizino Patusca, pessoa muito conhecida e querida, abrigou-se no portão à espera do bonde. Um carro desgovernado subiu na calçada e o atingiu. Nesse acidente, perdeu uma perna. Ele era pai de Araken Patusca, jogador do Santos Futebol Clube, ainda ao tempo do amadorismo.

Na esquina ao lado, uma referência muito especial. O Palacete Olímpia, no número 91 da avenida, que tem uma particularidade muito importante. Foi o primeiro prédio de apartamentos construído em nossa cidade. A notícia do empreendimento espalhou-se rapidamente e pessoas de outras cidades vinham a Santos com o intuito de conhecer a grande construção. Esse prédio mantém a arquitetura original e, por ser reconhecida a sua importância no contexto de nossa história, também foi tombado pelo Condepasa. Inaugurado em 1928, um dos seus primeiros moradores foi o dr. Magalhães Castro, afamado médico homeopata. Quando meu pai ia consultá-lo, levava-me consigo e eu adorava principalmente pela oportunidade de andar de elevador, coisa pouco comum naquela época.

Ele tinha uma filha, a Helena, que cantava muito bem e se acompanhava ao violão. Apresentou-se com sucesso no Clube XV.

Ao seu lado, havia uma casa muito ampla, a de nº 94, onde minha família passava temporadas no início do século XX. Uma de minhas irmãs mais velhas nasceu ali. Ela foi demolida junto com outras que se seguiam e hoje temos nesse espaço um supermercado.

Foi numa casa muito grande, nessa quadra, que foi fundada uma escola para ensinar o Inglês, por d. Carolina Souza Dantas Forbes, de parceria com uma professora desse idioma. Chamava-se Colégio Anglo-Americano. Esse

colégio chegou a funcionar em outros locais. Um dia, Aglair de Lima Burgos, professora formada pelo Colégio São José, decidiu estabelecer uma escola e colocou esse nome, dando continuidade àquela que fora fundada com grande amor. Hoje, o Colégio Anglo-Americano, que funciona em instalações amplas e que oferece vários cursos, é uma escola exemplar. Ela fica na Avenida Ana Costa, esquina da Rua Joaquim Távora. Aglair partiu para as moradas do Pai, deixando muitas saudades em todos que tiveram o privilégio de tê-la como amiga. E suas filhas continuam à frente da escola, seguindo fielmente as diretrizes traçadas por sua saudosa mãe.

Também nesse pedaço da Avenida Presidente Wilson, funcionou durante algum tempo o Santos Rinque, uma ampla pista de patinação coberta, mas não durou muito.

Mais adiante, existia um palacete que, segundo se contava, fora construído pelo embaixador Macedo Soares. Algum tempo depois, foi vendido para o empresário Haroldo Florez.

Ali residiram muitos anos e tive a oportunidade de conhecê-la, em razão da amizade com sua mulher, a saudosa Márcia. Externamente, a casa era num tom de verde claro e tinha um ar nobre. O seu acabamento interno era de grande requinte. Pisos de mármore, lustres estrangeiros. Todos os ambientes tinham a finalidade de oferecer a maior comodidade aos seus moradores. Quando essa família deixou a casa, ela foi se deteriorando até ser demolida para dar lugar a mais um prédio de apartamentos.

Outras casas que se seguiam tiveram igual destino. Numa delas morou o médico dr. Júlio Moreno.

Atravessando o Canal 1, uma lembrança triste. Bem na esquina branca que mais parecia um castelinho, residia a família de Amadeu Pícone. Certo dia, um jovem de tradicional família, os Castro Andrade, pilotava uma moto em alta velocidade e, perdendo a direção, projetou-se de encontro ao seu muro, morrendo na hora. Foi um dia triste em nossa casa, pois nossas famílias eram amigas.

Mas outra tragédia viria a acontecer com a família que residia na referida casa. Eles tinham ido a São Paulo e retornavam pela Estrada do Mar, que hoje designamos como a Estrada Velha. No banco da frente ia o Amadeu, conduzindo o carro. A seu lado o pai. No banco de trás iam sua mãe e a irmã.

Em determinado trecho ocorreu um lamentável acidente: o carro bateu num poste que se abateu exatamente sobre o banco da frente, matando pai e filho. As passageiras do banco traseiro nada sofreram, além da grande dor de perder seus entes queridos. Toda a cidade sofreu com esse acontecimento.

Em seguida vinha a Pensão Paulista, que tinha uma excelente fama e muito procurada pelos turistas. O progresso, sempre exigente, fez com que eles construíssem um grande prédio que passou a ser o Hotel Paulista, conservando o conceito anterior.

Atravessando a Rua Casper Líbero, chega-se ao Universo Palace, enorme prédio que se divide em residências e lojas comerciais, inclusive uma boate. Antes, nesse terreno, existiu um hotel de gloriosa memória, o Palace Hotel, uma primorosa construção, no estilo "art nouveau", que chamava a atenção pelo seu luxo e que também recebia grande número de hóspedes ilustres. O espaço ao seu redor era imenso. O jardim iluminado por artísticos lampiões. Essa construção, exemplo de bom gosto e requinte, também não se preservou. Se conservada, seria uma importante atração turística. Juntamente com o Hotel Parque Balneário, ele retratava uma época de fausto.

Mas muita coisa ainda sobrevive, desafiando o tempo. Acredito na preservação de muitas dessas riquezas, pois nosso povo e especialmente o poder público, estão compreendendo que é preciso lutar contra a ambição imobiliária, para impedir a destruição de tantas tradições que enriquecem o patrimônio histórico de Santos.

Atravessando a Rua Cyra, onde hoje se ergue o Edifício Marajoara, que chegou a ser o prédio mais alto da cidade, era a casa de Godofredo Faria, grande empresário do comércio cafeeiro. Era uma grande mansão, também de grande luxo. Diziam que foi a primeira casa a ter banheiros coloridos. Quando o Marajoara foi construído, no espaço de seu grande jardim, a casa foi conservada e sua entrada passou a ser pela Rua Cyra. Mas chegou o dia de também ser destruída e toda aquela riqueza se desfez.

Lembro-me muito bem do seu proprietário. Ele tinha uma bela limusine, dirigida por seu motorista, com a qual passeava pela praia todas as tardes, quando retornava do centro da cidade. Brincando no jardim, eu prestava atenção nesse fato. Ele era de fato uma figura imponente. Às vezes, eu lhe fazia um aceno e ele correspondia.

Chegamos próximos à Rua Newton Prado, onde, durante muitos anos, numa confortável casa, morou o grande artista de dança, coreógrafo de renome, Décio Stuart. Seu pai, bastante idoso, era visto todas as tardes, apoiado na madeira do grande portão, acompanhando calmamente o movimento da avenida. No fundo, havia o estúdio, o ateliê, onde muitas moças de nossa sociedade recebiam as aulas, tornando-se grandes bailarinas. Podemos citar Cecília Botto de Barros e Gláucia Wagner. Mesmo depois do falecimento de seus pais, o mago da dança continuou ali residindo. Não conheci essa casa por dentro, mas tenho conhecimento de que ele colecionava obras de arte valiosas. Décio Stuart era pessoa de gosto apurado, alma afeita às artes.

Um simpático sobrado na esquina foi por muito tempo residência de Tônico Faria, militante no comércio cafeeiro. Sua filha Yolanda frequentava nossa casa. Na quadra seguinte moravam outras famílias: os Caldeira, os Proost de Souza e outras que já nem me recordo. Do lado esquerdo da avenida, no final do século XIX, foi construído o Hotel Internacional, já que Santos era procurada por pessoas de outras cidades. Mas Santos crescia vertiginosamente, com a migração de famílias para a orla. O hotel desapareceu, dando lugar a grande número de prédios, mudando a paisagem do José Menino.

A construção da Via Anchieta, por iniciativa do dr. Adhemar de Barros, governador de São Paulo, foi uma obra corajosa que trouxe um grande impulso para nossa cidade, cujo acesso tornou-se fácil e rápido. Na quadra final da avenida da praia, não havia muitas construções. Hoje temos ali o Caiçara Clube, que ocupa uma grande área, lamentavelmente passando por dificuldades financeiras, como a maioria dos clubes.

Quase na divisa com São Vicente, em terreno encostado ao Morro do José Menino, foi construído um prédio de apartamentos, o Edifício Holiday.

Chegamos finalmente ao fim da avenida da praia. Durante muitos anos ela se encontrava em seu estado primitivo, pois ainda não fora ajardinada. Foi nos anos 30 que o prefeito dr. Aristides Bastos Machado iniciou o seu embelezamento, construindo os jardins que se tornaram famosos no mundo todo. É considerado o maior jardim de praia do planeta, por esse motivo incluído no Guinness Book, o que muito nos honra.

A avenida, que a princípio era estreita, tendo na sua lateral os trilhos dos bondes, aos poucos foi sendo alargada e hoje temos duas pistas, favorecendo o trânsito em nossa cidade, onde a relação veículos por habitante é das mais altas do país.

Recentemente foi construída a ciclovia, anseio antigo da população santista.

Colocando-nos de costas para o mar, admiramos a beleza dos jardins praianos, tendo como moldura um correr de prédios altos. Ultimamente foi liberada a construção de prédios mais altos. Chegamos a nos assustar com a altura de muitos deles, assemelhados a lanças pontadas para o céu.

Poucas casas restam, mas todas são usadas para fins comerciais, tendo suas fachadas descaracterizadas. As que tombaram significaram o sacrifício em prol de um progresso cada vez maior. Com a população crescendo a cada dia, não havia outro recurso, uma vez que toda a parte que nos pertence, na Ilha de São Vicente, tornou-se insuficiente para abrigá-la.

Hoje se fala na necessidade de ocupar a área continental, como recurso para atender a demanda de espaço.

Mas uma verdade incontestável é que Santos ainda é uma das cidades que possui melhor qualidade de vida. Não é de se estranhar que ela seja procurada principalmente pelos idosos, por ser uma cidade plana, dona dessa praia maravilhosa que acabamos de percorrer”.

APÊNDICE II

Seguem fotos de alguns imóveis citados no texto do apêndice I:

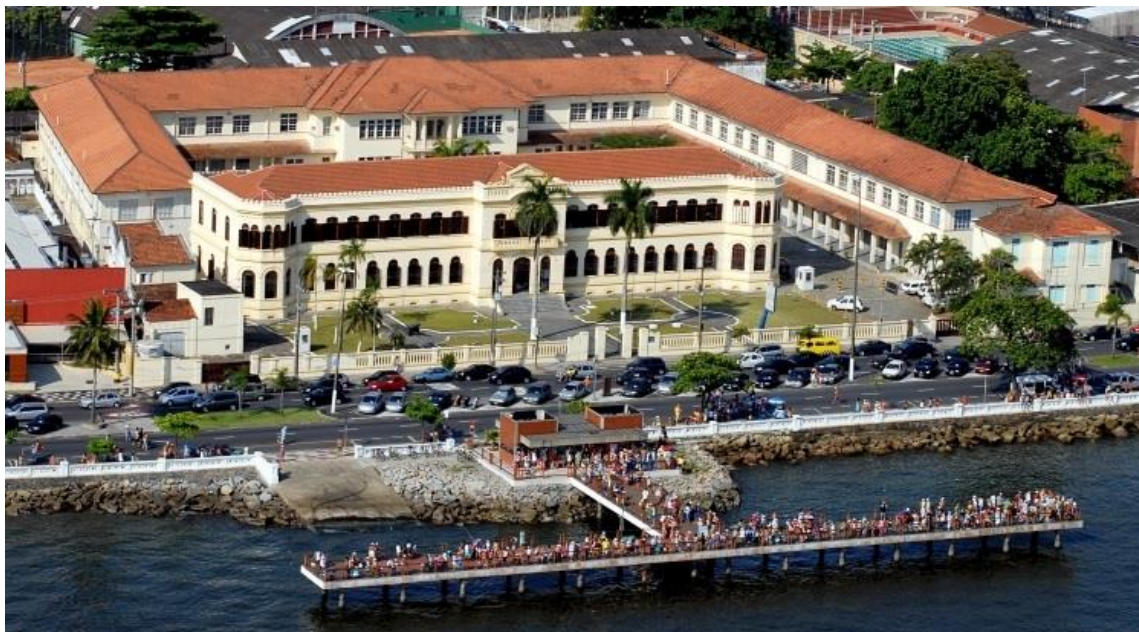


Figura 24: Museu de Pesca de Santos (SÃO PAULO, 2015. Disponível em: <http://www.pesca.sp.gov.br/museu.php> Acesso em: 25 de junho de 2015.)



Figura 25: Casa da Vovó Anita (WORLD MAPZ, 2015. Disponível em: http://br.worldmapz.com/photo/48767_es.htm Acesso em: 25 de junho de 2015).



Figura 26: Pinacoteca Benedito Calixto. O Casarão Branco, como ficou conhecido pelos santistas (SANTOS TURISMO, 2013. Disponível em: <https://santosturismo.wordpress.com/2013/02/11/passeios-para-fazer-em-santos-em-dias-de-mau-tempo/pinacoteca-benedicto-calixto-2/> Acesso em: 25 de junho de 2015).



Figura 27: Palacete Olímpia (NOVO MILÊNIO, 2015).



Figura 28: Chácara Júlio Conceição (Parque Indígena) (NOVO MILÊNIO, 2015).